

10º colóquio da lusofonia – 7º Colóquio Anual da LUSOFONIA



PARCERIAS:
UNIVERSIDADE MACKENZIE, SP, BRASIL;
ESEB/IP BRAGANÇA;
ESES/IP SETÚBAL,
Ass. Cultural Pró Academia Galega da Língua Portuguesa



SINOPSES E BIODADOS (INTERATIVO)

BRAGANÇA, 2 - 5 de outubro 2008

APOIOS



COLÓQUIOS DA LUSOFONIA



Apoio da Câmara Municipal

VII Colóquio Anual da Lusofonia
[Bragança Portugal]

PATRONOS DO EVENTO / COMISSÃO de HONRA:
PROFESSOR **EVANILDO** CAVALCANTE **BECHARA** ACADEMIA BRASILEIRA DE
LETRAS, E
PROFESSOR JOÃO **MALACA CASTELEIRO** ACADEMIA DE CIÊNCIAS DE LISBOA
CONVIDADOS 2008 ADRIANO MOREIRA JOÃO CRAVEIRINHA E DULCE PEREIRA

HORÁRIO

Devido ao elevado número de oradores, o total de cada apresentação oral é de 20 minutos, havendo 15 minutos apenas para debate com a assistência no final de cada sessão. Pedimos que sejam tão breves quanto possível no debate.

Caso pretenda abdicar do diálogo com a assistência no final pode – no máximo – dispor de 25 minutos, incluindo nestes a sua apresentação pelo Moderador.

Somos sempre rigorosos com o cumprimento destes limites

Se exceder o seu tempo está a prejudicar outros oradores, a reduzir o tempo para o debate e a atrasar os trabalhos do colóquio. No caso de haver atraso reduz-se o intervalo seguinte.

DIA 2 OUTUBRO

(CARREGA NOS NOMES PARA OS BIODADOS, CARREGA NO TÍTULO PARA A SINOPSE)

09.00	Acreditação de participantes
09.30	Cerimónia Oficial de Abertura dos trabalhos: Discurso de Abertura do Presidente da Comissão Executiva Presença de Presidente da Câmara Municipal de Bragança (Eng.º Jorge Nunes), dum representante da Xunta de Galícia, Professor Adriano Moreira (Presidente da Academia de Ciências de Lisboa), Professor Malaca Casteleiro e Professor Artur Anselmo (Academia de Ciências de Lisboa), Professor Evanildo Bechara (Academia Brasileira de Letras), Presidente do Instituto Politécnico de Bragança (Professor João Sobrinho Teixeira), Embaixador de Cabo Verde, escritor e artista plástico João Craveirinha, Dr. Ângelo Cristóvão (Comissão Pró Academia Galega da Língua Portuguesa), Presidente da Comissão Executiva dos Colóquios (Chrys Chrystello) incluindo a Assinatura de protocolos de parceria com os colóquios
10.30	PAUSA PARA CAFÉ 15 MINUTOS Sessão de autógrafos JOÃO CRAVEIRINHA, DULCE PEREIRA E HELENA ANACLETO-MATIAS Sessão 1 moderador Chrys Chrystello
10.45	Orador 1 JOÃO CRAVEIRINHA ENSAIO SOBRE VARIAÇÃO DIATÓPICA DO PORTUGUÊS EUROPEU (P.E.) EM ÁFRICA
11.15	Orador 2/3 JOÃO MALACA CASTELEIRO o novo acordo ortográfico em ação / EVANILDO BECHARA O novo acordo ortográfico
12.30	Orador 4 HENRIQUE SALLES DA FONSECA , ÉTICA LUSÓFONA E SENTIDO DE ESTADO
13.00	PAUSA PARA ALMOÇO Sessão 2 Moderador: Ângelo CRISTÓVÃO
15.15	Acreditação de participantes
15.30	Orador 5 GISLANE SIQUEIRA , ORGANIZAÇÃO DISCURSIVA: ONTEM E HOJE

15.50	Orador 6 ANABELA MIMOSO ANTÓNIO VIEIRA – AUTOR EXPRESSO DE OBRAS ALHEIAS
16.10	Orador 7/8 ROSÁRIO GIRÃO E MANUEL J. SILVA EVOCAÇÃO PLURAL DE VITORINO NEMÉSIO: SE BEM ME LEMBRO
16.30	Orador 36 Adriano Moreira
16.50	Debate
17.15	PAUSA PARA CAFÉ Sessão de autógrafos JOÃO CRAVEIRINHA, DULCE PEREIRA E HELENA ANACLETO-MATIAS Sessão 3 Moderador: ROSÁRIO GIRÃO
17.15	Orador 9/10 REGINA DE BRITO E Mª ZÉLIA BORGES , CONSIDERAÇÕES ACERCA DO CONCEITO DE LÍNGUA CRIOULA
17.35	Orador 11 RENATO EPIFÂNIO , APRESENTAÇÃO DA REVISTA NOVA ÁGUIA, MOVIMENTO INTERNACIONAL LUSÓFONO
17.55	Debate
18.15	PAUSA PARA JANTAR
21.15	Recital de música folclórica de Rianxo, Galiza – “Vai de Roda” atividade paralela

DIA 3 PASSEIO LÚDICO-CULTURAL:

08.30	Transporte da residencial Classis, Av. João da Cruz, para a Cidadela
09.00	09.00-11.30 HORAS visita à Cidadela, Igreja de Santa Maria, Castelo de Bragança, Museu Militar e Museu da Máscara
11.30	Partida para Miranda do Douro
12.45	Almoço económico Restaurante do Planalto Mirandês, Rua 1º de maio, n.º 25 Miranda do Douro € 10.00 euros apenas, por conta de cada um),
14.15	Visita à Sé, cerimónia da capa de Honras na Câmara Municipal de Miranda do Douro, visita aos Museus e Biblioteca
19.00	PAUSA PARA JANTAR LIVRE

DIA 4 DE OUTUBRO

09.15	Acreditação de participantes Sessão 4 Moderador: António Gil Hernández/João Craveirinha
09.30	Orador 12 EDMA SATAR , A IMPORTÂNCIA DA RECOLHA DO LÉXICO DAS LÍNGUAS NACIONAIS DE MOÇAMBIQUE
09.50	Orador 13 ZAIDA PEREIRA O PORTUGUÊS NA GUINÉ-BISSAU: TENDÊNCIAS NA VARIAÇÃO
10.10	Orador 14 DULCE PEREIRA , CONTRIBUTOS PARA O DESENVOLVIMENTO DO CRIOULO DE CABO VERDE E DO PORTUGUÊS: INSTRUMENTALIZAÇÃO, EDUCAÇÃO E ENSINO
10.30	Orador 15 HELENA LIMA AFONSO , A LÍNGUA PORTUGUESA E OS FENÓMENOS DE INTERFERÊNCIAS LINGUÍSTICAS EM S.TOMÉ E PRÍNCIPE
10.50	Debate
11.15	PAUSA PARA CAFÉ 30 MINUTOS Sessão 5 Moderador: ANABELA MIMOSO
11.45	ORADOR 16 ÂNGELO CRISTÓVÃO , O PROCESSO DE CRIAÇÃO DA

	ACADEMIA GALEGA DA LÍNGUA PORTUGUESA
12.05	ORADOR 17 ANTÓNIO GIL HERNÁNDEZ , CRIULO INSTITUCIONALIZADO CONTRA PORTUGUÊS GALEGO (OU PORTUGUÊS DA GALIZA): REFLEXÕES DESDE O NOME DADO À GALIZA PELAS INSTITUIÇÕES DO “REINO DE ESPANHA”
12.25	Orador 18 CARLA GUERREIRO , MIA COUTO E O GATO E O ESCURO – A ESCRITA “BRINCRIADA” DE UM AUTOR LUSÓFONO
12.45	Debate
13.00	PAUSA PARA ALMOÇO
15.15	Acreditação de participantes
	Sessão 6 Moderador Carla Guerreiro/Helena Anacleto-Matias
15.30	Orador 19/20 EDSON FERREIRA MARTINS E M^a JOÃO MARÇALO , DIVERSIDADE LINGUÍSTICA E IDENTIDADE NACIONAL EM MONTEIRO LOBATO: CONTRIBUTOS PARA O ESTUDO DO PORTUGUÊS DO BRASIL E DO PORTUGUÊS EUROPEU
15.50	Orador 21 ELIS DE ALMEIDA CARDOSO , O LÉXICO DA PERIFERIA: UMA ANÁLISE DE UM DOS DIALETOS DO PORTUGUÊS BRASILEIRO
16.10	Orador 22/23 M^a ZÉLIA BORGES E REGINA H. DE BRITO O PORTUGUÊS DO BRASIL: UMA VARIANTE DO PORTUGUÊS LUSITANO
16.30	Debate
16.45	PAUSA PARA CAFÉ 30 MINUTOS
	Sessão 7 Moderador: M^a ZÉLIA BORGES
17.15	Orador 24 ÁLVARO CARETTA , AS VARIAÇÕES LINGUÍSTICAS DA LÍNGUA PORTUGUESA NA CANÇÃO POPULAR BRASILEIRA
17.35	Orador 25 MÁRCIA REGINA TEIXEIRA DA ENCARNAÇÃO ESTUDOS DE FATOS LINGUÍSTICOS EM REGIÕES LITORÂNEAS BRASILEIRAS
17.55	Orador 26 ALEXANDRE BANHOS , CARACTERIZAÇÃO DE CRIULOS. O CASO GALEGO UM MODELO DE CRIOLIZAÇÃO?
18.15	Debate
18.30	PAUSA PARA JANTAR
21.15	Poesia e Música “Clube dos Poetas Vivos” Galiza - atividade paralela

DIA 5 DE OUTUBRO

09.15	Acreditação de participantes
	Sessão 8 Moderador: M^a d’Ajuda ALOMBA RIBEIRO
09.30	Orador 27 IRENILDE PEREIRA DOS SANTOS , ATLAS LINGUÍSTICOS BRASILEIROS E ATIVIDADE DISCURSIVA: CONTRIBUIÇÕES AO ENSINO DA LÍNGUA PORTUGUESA
09.50	Orador 28 M^a JOSÉ REIS GROSSO , A LÍNGUA PORTUGUESA: ESPAÇO DE REFLEXÃO SOBRE OUTROS MODOS DE ESTAR E DE SER
10.10	Orador 29 JOSÉ MANUEL BARBOSA , ALGUNS Aspetos A SALIENTAR DA (PRÉ-) HISTÓRIA DA LÍNGUA
10.30	Debate
10.45	PAUSA PARA CAFÉ 30 MINUTOS

	Sessão 9 Moderador: M^a do CÉU FONSECA
11.15	Orador 30 ARTUR ALONSO NOVELHE , UM NOVO OLHAR SOBRE A POESIA GALEGA
11.35	Orador 31/32 M^a D’AJUDA ALOMBA RIBEIRO E GISANE SOUZA SANTANA , UMA LÍNGUA, várias culturas: diálogos culturais na literatura de Jorge Amado
11.55	Orador 33 M^a HELENA ANACLETO-MATIAS , O PAPEL DO ENSINO DO PORTUGUÊS COMO LÍNGUA ESTRANGEIRA NA DEFESA DO MULTICULTURALISMO
12.15	Debate
12.30	PAUSA PARA ALMOÇO
15.00	Acreditação de participantes
	Sessão 10 Moderador João Craveirinha/Alexandre Banhos
15.15	Orador 34/20 M^a DO CÉU FONSECA E M^a JOÃO MARÇALO , A TRADIÇÃO DA UNIVERSIDADE DE ÉVORA NA EXPANSÃO DA LÍNGUA PORTUGUESA
15.35	Orador 35 MARY ELIZABETH CERUTTI-RIZZATTI APROPRIAÇÃO DA ESCRITA E CULTURA: UMA DISCUSSÃO SOBRE O LETRAMENTO ESCOLAR
15.55	Debate
16.10	PAUSA PARA CAFÉ 30 MINUTOS
16.30	Sessão 11 Moderador Chrys Chrystello . Debate final e propostas futuras: ANTÓNIO GIL HERNÁNDEZ, EVANILDO BECHARA, JOÃO CRAVEIRINHA, JOÃO MALACA CASTELEIRO
17.45	Cerimónia de entrega do 2º prémio literário da lusofonia
18.30	Encerramento das sessões com o Presidente da Câmara Municipal de Bragança (Eng.º Jorge Nunes), Professor Evanildo Bechara da Academia Brasileira de Letras, Professor Malaca Casteleiro da Academia de Ciências de Lisboa, Presidente do Instituto Politécnico de Bragança (Professor João Sobrinho Teixeira), escritor João Craveirinha e demais entidades convidadas

MODERADORES DAS SESSÕES:

Chrys Chrystello, dia 2 10.45
Ângelo Cristóvão, dia 2 15.30
Rosário Girão dia 2 17.00
António Gil Hernández, dia 4 09.30
João Craveirinha, dia 4 09.30 dia 5 15.30
Anabela Mimoso, dia 4 11.45
M ^a Helena Anacleto-Matias dia 4 15.30
Carla Guerreiro dia 4 15.30
M ^a Zélia Borges dia 4 17.15
M ^a D’Ajuda Alomba Ribeiro dia 5 09.30
M ^a do Céu Fonseca dia 5 11.15
Alexandre Banhos, dia 5 15.30

DIA 6 DE OUTUBRO



Academia Galega da
Língua Portuguesa

PROGRAMA DA SESSÃO INAUGURAL, Centro Galego de Arte

Contemporânea Santiago de Compostela, 6 de outubro de 2008

10:00 Oferenda floral no Panteão de Galegos Ilustres (Igreja de São Domingos de Bonaval), com atuação do grupo de música tradicional "Vai de Roda".

11:00 Início da sessão da manhã. Mesa de oradores:

- Discurso de recepção do Diretor do CGAC, Doutor Manuel Oliveira
- Discurso de boas-vindas, pelo Presidente da AGLP
- Intervenção das autoridades políticas do Governo Galego
- Prof. Doutor Artur Anselmo, da Academia das Ciências de Lisboa
- Prof. Doutor Evanildo Bechara, da Academia Brasileira de Letras
- Prof. Doutor Malaca Casteleiro, da Academia das Ciências de Lisboa
- Doutor João Craveirinha, Moçambique

13:00 Intervenção do Presidente da AGLP. Leitura dos nomes dos académicos, apresentação do primeiro número do *Boletim da AGLP* e inauguração das atividades da Academia.

13:30 Programa musical - A professora Isabel Rei interpretará:

- "Deu-la-deu", suite para guitarra composta por Rudesindo Soutelo em honra da Academia Galega da Língua Portuguesa
- Obras para guitarra do espólio do escritor e compositor Marcial Valladares
- Interpretação do *Hino da Galiza*, com o Grupo de música tradicional "Vai de Roda"

14:30 Jantar no Restaurante "O Dezasseis"

21:00 Ceia em restaurante da cidade.

Ass. Cultural Pró Academia Galega da Língua Portuguesa <http://www.aglp.net> Rua Castelhão, 27 – Aptº

128 15900 Padrão (Galiza) Pró Academia Galega da Língua Portuguesa" <pro@aglp.net>

BIODADOS&SINOPSES

1. ADRIANO ALVES MOREIRA

Adriano Alves **Moreira** (Grijó de Vale Benfeito, 6 de setembro de 1922) é um jurisconsulto e político português. Destacou-se pelo seu percurso académico e pelo seu historial antes de se tornar Ministro do Ultramar durante o Estado Novo.

Moreira foi jurista, internacionalista, politólogo e sociólogo.

O seu percurso foi atribulado tendo sido repudiado durante a era PREC.

Atualmente o seu estatuto goza de alguma notoriedade e é um intelectual considerado em muitos setores da sociedade e intelligentsia Portuguesa.

Biografia

Cedo se destacou como um aluno brilhante. É licenciado em Direito pela Universidade de Lisboa e possui o doutoramento pela Universidade Complutense de Madrid.

Prestou provas para Professor na Escola Superior Colonial (hoje ISCSP) aonde viria a ascender a Diretor.

Moreira contribuiu largamente para a reforma do ISCSP e através deste para o início do estudo de ciências como a Sociologia, a Ciência Política, as Relações Internacionais e ciências associadas a estas, como a Estratégia e a Geopolítica - dando assim continuação ao projeto da Sociedade de Geografia de Lisboa para a construção de uma instituição formadora dos quadros administrativos coloniais e de um projeto embrionário de escola de pensamento internacional.

Legado epistemológico

Segundo Marcos Farias Ferreira (Cristãos & Pimenta, A via média na Teoria das Relações Internacionais de Adriano Moreira, Almedina, Coimbra, 2007), a obra de Adriano Moreira seria tributária de uma escola racionalista apoiada em vultos como Grotius, Vitoria e Suárez, e teria construído uma via intermédia relativamente às diferentes correntes idealistas e realistas no estudo académico de Relações Internacionais (RI), a par de Raymond Aron e dos autores da escola inglesa de RI como Martin Wight, Hedley Bull e Herbert Butterfield, assente na tensão normativa entre sociedade e comunidade internacional.

Cargos políticos

Membro da delegação Portuguesa na ONU (1957-1959) - independente

Subsecretário de Estado da Administração Ultramarina (1960-1961) - independente

Ministro do Ultramar (1961-1963) - independente

Presidente do CDS (1986-1988)

Deputado da Assembleia da República (1979-1991) - CDS

Vice-presidente da Assembleia da República (1991-1995) - CDS

Desempenha ou destacou-se nas funções de Professor - geralmente na área de Relações Internacionais - no Instituto Superior Naval de Guerra, na Escola de Comando e Estado-Maior do Exército, na Universidade Católica do Rio de Janeiro, na Universidade Aberta, na Universidade Católica Portuguesa e é Professor Emérito da Universidade Técnica de Lisboa.

É ainda Professor Honorário da Universidade de Santa Maria.

Doutor Honoris Causa pela Universidade Aberta, Universidade da Beira Interior, Universidade de Manaus, Universidade de Brasília, Universidade de São Paulo, Universidade do Rio de Janeiro, Universidade da BAHIA.

Membro da Academia Brasileira de Letras, da Academia Pernambucana de Letras, da Academia Internacional de Direito e Economia de São Paulo, da Academia Internacional da Cultura Portuguesa, da Academia das Ciências de Lisboa, da Academia de Marinha, da Academia de Ciências Morales y Políticas de Madrid e da Academia Portuguesa da História.

Curador Honorário da Fundação Oriente e atual Curador da Universidade Cândido Mendes.

Presidente honorário da Sociedade de Geografia de Lisboa, preside e fundou a Academia Internacional da Cultura Portuguesa, preside internacionalmente ao Centro Europeu de Informação e Documentação (CEDI), preside o Conselho de Fundadores do Instituto D. João de Castro, preside a assembleia-geral da Associação Portuguesa de Ciência Política e o Conselho Nacional de Avaliação do Ensino Superior (desde 1998).

Foi cofundador do Movimento da União das Comunidades de Língua Portuguesa e presidiu aos seus dois primeiros congressos em Lisboa e Lourenço Marques.

Membro do Instituto de Estudos Políticos de Vaduz, do Movimento Países Europeus de Coudenhove-Kalergi, do Conselho da Fundação Luís Molina da Univ. de Évora,

Diretor do Centro de Estudos Políticos e Sociais da Junta de Investigação Científica do Ultramar.

Méritos e condecorações

Distinguido com o prémio Abílio Lopes do Rego, da Academia das Ciências de Lisboa pelo seu estudo O Problema Prisional do Ultramar em 1953.

Foi condecorado com a Medalha de Mérito Cultural, a Medalha da Defesa Nacional de 1ª classe, a Medalha do Exército de D. Afonso Henriques de 1ª classe, a Medalha Militar de Serviços Distintos grau ouro da Marinha, Medalha de Mérito Aeronáutico, a Royal Victorian Order, a Grã-Cruz da Ordem Militar de Santiago da Espada, a Grã-Cruz da Ordem de Isabel a Católica, a Grã-Cruz da Ordem do Cruzeiro do Sul, a Grã-Cruz da Ordem Militar de Cristo e a Grã-Cruz da Ordem de São Silvestre Magno.

É Grande-Oficial da Ordem do Infante D. Henrique e Cavaleiro Grã-Cruz da **Ordem de África**

Principais Obras:

Direito Corporativo (Lisboa, 1950)

Política Ultramarina (Lisboa, 1956)

Ideologias Políticas (Lisboa, 1964)

O Tempo dos Outros (Lisboa, 1968)

Política Internacional (Porto, 1970)

A Europa em Formação (Lisboa, 1974)

Saneamento Nacional (Lisboa, 1976)

O Drama de Timor (Lisboa, 1977)

Legado Político do Ocidente - Colaboração - (São Paulo, 1978)

Ciência Política (Lisboa, 1979)

Direito Internacional Público (Lisboa, 1983)

2. ALEXANDRE BANHOS CAMPO

Nascido na Galiza no 1954 licenciado em Sociologia pela Universidade Complutense (Madrid) e Master em Gestão da Formação pela UNED. Desde 1984 é associado da AGAL e tem participado com regularidade nas atividades da mesma, sendo por duas vezes membro do Conselho da AGAL, em junho deste ano foi eleito Presidente da AGAL. Desde os começos dos anos 70 do século passado está ligado a movimentos culturais e de ativismo social a prol da língua e dos direitos humanos dos galegos e nomeadamente os direitos linguísticos, havendo sido membro de múltiplas associações culturais, políticas e sociais ocupando nas mesmas diversidade de cargos.

CARACTERIZAÇÃO DE CRIoulos. O CASO GALEGO UM MODELO DE CRIoulIZAÇÃO?

- 1- Como nascem os crioulos
- 2- Os crioulos não são o resultado da imposição linguística, mas da sua falta
- 3- Os crioulos como língua
- 4- Que se passa quando o crioulo fica sob uma língua nacional distinta daquela a que fazia referência
- 5- Podem os crioulos converter-se em língua de seu, em língua nacional
- 6- É o galego um crioulo?
- 7- Como está o português da Galiza, perspetivas de futuro
- 8- Na Galiza há planificação linguística? tem um fim?

3. ÁLVARO ANTÔNIO CARETTA

Álvaro Antônio Caretta é doutorando em Linguística pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Bacharel em Português e Linguística, licenciado em Português e mestre em Linguística, é professor licenciado do Centro Universitário Ibero-Americano, onde ministra disciplinas de Língua Portuguesa. Autor de diversos artigos científicos, escreve também para revistas especializadas em estudos sobre língua e comunicação. Atualmente desenvolve pesquisas sobre o gênero da canção popular brasileira, já apresentando como resultado o capítulo “Análise discursiva da canção popular”, que integra o livro *Modelos de análise linguística* (no prelo), e dedica-se à redação de sua tese de doutorado.

AS VARIAÇÕES LINGUÍSTICAS DA LÍNGUA PORTUGUESA NA CANÇÃO POPULAR BRASILEIRA

Este trabalho tem como objetivo estudar as variações linguísticas da língua portuguesa no cancioneiro popular brasileiro. Sabe-se que a canção popular é uma das manifestações mais expressivas de uma língua. A canção brasileira, particularmente, é um gênero em que a língua portuguesa manifesta, além de sua beleza sonora, a sua riqueza linguística. A diversidade de gêneros musicais da canção popular brasileira concorre com a variedade linguística presente em suas letras. As variações histórica, geográfica e social estão impressas nas letras dos antigos sambas, dos baiões nordestinos e do *funk* carioca. Adotando um ponto de vista discursivo sobre esse fenômeno sociolinguístico, observaremos como essa variedade linguística, relacionada ao gênero musical, é representativa também de um posicionamento ideológico do enunciador. Na canção, o casamento com a melodia confere à língua um caráter artístico, logo fundamentalmente estilístico. O estilo do enunciador é determinado por suas escolhas lexicais, pela relação do elemento linguístico com o melódico e pela

entonação. Esse processo revela uma avaliação social da parte do enunciador, que estabelece um posicionamento discursivo. A canção popular brasileira, é uma das formas mais representativas da lusofonia, não só por disseminar a nossa língua pelo mundo, mas também por guardar essa rica diversidade linguística, histórica, geográfica, social e, principalmente ideológica. Nas canções, a língua cantada veste-se de gala para encantar.

4. ANABELA BRITO MIMOSO

:Anabela Brito Mimoso é doutora pela FLUP em Cultura Portuguesa e docente no Doutoramento em Educação na Universidade Lusófona do Porto.

ANTÓNIO VIEIRA – AUTOR EXPRESSO DE OBRAS ALHEIAS

Durante a cruzada levada a cabo contra a Inquisição, foram atribuídos ao Pe. António Vieira alguns escritos que circularam com o seu nome, nomeadamente as *Notícias recônditas do modo de proceder a Inquisição em Portugal com os seus prezos*, documento histórico valiosíssimo para percebermos os meandros do funcionamento dos cárceres inquisitoriais. Pretendemos explorar em que contexto fora feito estas atribuições a Vieira. Teremos em conta, sobretudo, o conteúdo desta obra, relacionando-o com a biografia do seu presumível autor, bem como com o momento histórico vivido então.

5. ÂNGELO CRISTÓVÃO

Empresário, licenciado em Psicologia, nasceu em Santiago de Compostela em 1965. Responsável pela página web «www.lusografia.org». Desde 1994 é secretário da Associação de Amizade Galiza-Portugal, tendo organizado os Seminários de Políticas Linguísticas (2003, 2004, 2006). Atualmente preside à Associação Cultural Pró Academia Galega da Língua Portuguesa, em nome de cuja entidade interveio na Conferência Internacional / Audição Parlamentar sobre o Acordo Ortográfico, realizada na Assembleia da República em 7 de abril de 2008. Dentre vários artigos e comunicações: **1992b**: «Análise causal da Teoria do Comportamento Planeado com dados supostos». 21 pp. Trabalho apresentado no Curso de Doutoramento em Psicologia Social. Programa: "Perceção, Representação e Conhecimento Social". 16 de junho. Faculdade de Psicologia. Universidade de Santiago. Inédito. **2003**: «Sociolinguística e cientificidade na Galiza», comunicação apresentada ao II Colóquio Anual da Lusofonia, Bragança, outubro. Próxima publicação em Atas dos Colóquios da Lusofonia. **2004a**: «Questione della língua: introdução e bibliografia», comunicação apresentada ao VIII Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais. Universidade de Coimbra, 17 de setembro. Uma versão ampliada foi publicada na internet, em: <http://www.lusografia.org/cristovao-questione.htm> **2004b** (org) Lluís V. Aracil: *Do latim às línguas nacionais: introdução à história social das línguas europeias*. 215 pp. Associação de Amizade Galiza-Portugal, Braga. **2004c**: «O contributo de António Gil à sociolinguística galega», comunicação ao III Colóquio Anual da Lusofonia. Bragança, outubro. 10pp. Próxima publicação em Atas dos Colóquios da Lusofonia. **2005**: «A República Literária e a Lusofonia - Semelhanças, diferenças e exemplos», comunicação ao IV Colóquio Anual da Lusofonia. Bragança, 3, 4 outubro, 11 pp. **2006**: «A lusofonia galega: processos e modelos desde 1980», comunicação apresentada ao

V Colóquio Anual da Lusofonia. Bragança, outubro. 10 pp. **2007**: «A posição galega ante os acordos ortográficos da língua portuguesa», comunicação apresentada ao VI Colóquio Anual da Lusofonia. Bragança, outubro. 10 pp.

«O PROCESSO DE CRIAÇÃO DA ACADEMIA GALEGA DA LÍNGUA PORTUGUESA»

A autonomia política da Galiza, instaurada em 1980, deveria ter produzido um avanço na normalização linguística do galego. Infelizmente, o contexto social e político das últimas décadas foi desfavorável a esta possibilidade, produzindo o efeito contrário: uma aceleração do processo de substituição linguística, reforçando a posição do castelhano. Nos últimos anos, o reconhecimento generalizado do insucesso do modelo linguístico aplicado pelas autoridades políticas - a conceção do galego como uma língua diferente da portuguesa, e subsidiária do castelhano - preconiza um giro na sociedade a favor da integração da Galiza na lusofonia, e assunção do português padrão europeu como norma culta. A criação da Academia Galega da Língua Portuguesa (AGLP), como entidade privada com vocação de serviço público, responde à necessidade histórica de constituir uma instituição dedicada ao estudo e divulgação do português da Galiza, com critérios de rigor científico e vontade de colaboração com outras entidades equivalentes da lusofonia toda. A publicação do Boletim da Academia, com a participação de alguns dos mais importantes investigadores nacionais e internacionais, abre um novo espaço para a divulgação dos estudos linguísticos, a difusão cultural e a cooperação lusófona. O projeto editorial da AGLP inclui também a edição de literatura clássica galega, para o que deve conseguir-se um equilíbrio entre a originalidade dos autores e a necessária adaptação ao português padrão atual. A participação de representantes galegos no Encontro Internacional / Audição Parlamentar de 7 de abril, de 2008, na Assembleia da República Portuguesa, dá continuidade ao reconhecimento internacional da Galiza como país lusófono, iniciado há 50 anos com o professor Guerra da Cal, seguido em 1986 por ocasião do Acordo Ortográfico do Rio de Janeiro, e em 1990 com o Acordo de Lisboa. Esta presença num foro internacional abre novas linhas de atuação para a AGLP no espaço lusófono.

6. ANTÓNIO GIL HERNÁNDEZ,

António Gil Hernández, nado em Valhadolid ("Comunidad de Castilla y León" no "Reino de España") em 1941, viveu na Galiza, nomeadamente em Acrunha (Corunha), desde 1969. É licenciado em "Filosofia y Letras", secção Românicas, subsecção Espanhol. Exerceu a docência no Colégio Universitário de Acrunha, dependente então da Universidade de Compostela, como professor contratado. Hoje ministra aulas no Liceu Salvador de Madariaga, Acrunha, a estudantes do Ensino Secundário para Adultos (E.S.A.). Começou a colaborar nos COLÓQUIOS DA LUSOFONIA em 2006, 'Do Reino da Galiza até aos nossos dias: a língua portuguesa na Galiza', com a comunicação intitulada «Aos 100 anos da Real Academia Gallega de la Coruna. Mais uma análise de discurso.» Em 2007 apresentou a comunicação intitulada: 'Fases psicoglotopolíticas no processo de construção (ou destruição) duma Comunidade nacional: Reflexões desde a Galiza'. Teve a sorte de que lhe publicassem vários livros, de sucesso desigual: 'Que galego na escola?' e 'Silêncio ergueito' (pelos Eds. do Castro). No primeiro, em colaboração, expõe as denominadas «Teses reintegracionistas» ou, como disse o saudoso Prof. R. Lapa, "integracionistas" das falas galegas à língua comum,

portuguesa. O segundo é compilação de artigos jornalísticos publicados entre 1979 e 1982. Em 2005, a Associação de Amizade Galiza-Portugal publica-lhe 'Temas de Linguística Política, seguidos dum avanço de Temas de Política Linguística. Leves reflexões sobre política nacional "espanhola"'. É editor da 'Obra seleta (poesia e ensaio)' de João Vicente Biqueira, publicada, em 1998, como n.º 43-46 de 'Cadernos do Povo. Revista Internacional da Lusofonia'. Tem também poemários: 'Baralha de sonhos' (1985), 'Luzes e espírito' (1990) e, em volume coletivo, 'Só para falar de amor' (1991). Ultimamente está a participar no portal brasileiro RECA

«CRIOULO INSTITUCIONALIZADO CONTRA PORTUGUÊS GALEGO (OU PORTUGUÊS DA GALIZA): REFLEXÕES DESDE O NOME DADO À GALIZA PELAS INSTITUIÇÕES DO "REINO DE ESPANHA".»

A Conselharia da Cultura da "Junta de Galicia" (denominação castelhana) elevou consulta, não muito oportuna, acerca do nome da Terra à RAG. O "informe", resposta, do "plenário" da RAG, datado em 29 de março de 2008, diz: «a) Galicia e Galiza son formas históricas lexítimas galegas no sentido filolóxico. As dúas circularon na época medieval, pero só Galicia mantivo un uso ininterrompido ao longo da historia na lingua oral.- b) A denominación oficial do País normativa e xuridicamente lexítima é Galicia.» A questão não é menor porquanto os académicos misturam caoticamente critérios díspares para "construir" o que denominam "galego normativo" ou "língua de seu", na realidade um certo crioulo hispano-português. Compendio os critérios aludidos nos seguintes, por ordem de importância: 1.º O critério político. "Galicia" é o nome castelhano da "región" ou "comunidad autónoma". Mas a RAG impõe-no como válido filologicamente, contra a história da língua "propria" e contra as análises sociopolíticas da situação em que essa língua se acha. 2.º O critério da oralidade. Não se considera corretamente que as falas galegas se acham muito interferidas pela "língua nacional" (escrita) do "Reino de España", sobretudo no léxico culto, em geral, e no jurídico, em particular; neste coloca-se o nome da Terra. 3.º O critério da vontade do povo. Desde faz bem poucos anos diz-se expressa na elaboração diferenciada da "língua propia de Galicia". Mas acontece que o povo galego, como em geral todo o povo, é antes ágrafo do que escritor. Menos ainda requer uma norma gráfica para redigir os textos por ele gerados. Ao contrário, são as instituições do estado as que impõem tanto a língua "correta" quanto o seu uso em âmbitos bem determinados, quase todos controlados ou controláveis pelos poderes legislativo, executivo e judicial. Portanto, a elaboração diferenciada da "língua propia de Galicia" não deriva da consciência popular, mas da imposição estatal.

7. ARTUR ALONSO NOVELHE

UM NOVO OLHAR SOBRE POESIA GALEGA

Desde os primeiros povoadores de estas Atlânticas terras, passando pela poesia medieval, os séculos escuros, ressurgimento, e mais tarde o modernismo e a poesia contemporânea, a alma galega tem inserido no centro um extenso jorrar de múltiplas experiências, emoções e formas de vida. Tendo como fio condutor estes fatos, este estudo pretende dar a luz a traves dos escritos de três novas figuras da poesia galega escrita inteiramente em português, as novas perspectivas e retos de uma cultura que luta por não morrer e a mesmo tempo vivenciar uma realidade que tão própria como

universal: seu direito a pertencer ao mundo da Lusofonia, do qual sem dúvida é ator principal.

8. EVANILDO CAVALCANTE BECHARA- PATRONO dos colóquios

Evanildo Bechara nasceu no Recife, a 26 de fevereiro de 1928. Aos onze para doze anos, órfão de pai, transferiu-se para o Rio de Janeiro, a fim de completar sua educação em casa de um tio-avô. Desde cedo mostrou vocação para o magistério, vocação que o levou a fazer o curso de Letras, modalidade Neolatinas, na Faculdade do Instituto La-Fayette, hoje UERJ, Bacharel em 1948 e Licenciado em 1949. Aos dezessete, escreve seu primeiro ensaio, intitulado Fenômenos de intonação, publicado em 1948. Em 1954, é aprovado em concurso público para a cátedra de Língua Portuguesa do Colégio Pedro II e reúne no livro Primeiros ensaios de Língua Portuguesa artigos escritos entre os dezoito e vinte e cinco anos, saídos em jornais e revistas especializadas. Concluído o curso universitário, aperfeiçoou-se em Filologia Românica em Madrid, com Dámaso Alonso, Doutorando-se em Letras pela UEG (atual UERJ) em 1964. Convidado pelo Prof. Antenor Nascentes para seu assistente, chega à cátedra de Filologia Românica da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da UEG (atual UERJ) em 1964. Professor de Filologia Românica do Instituto de Letras da UERJ, de 1962 a 1992. Professor de Língua Portuguesa do Instituto de Letras da UFF, de 1976 a 1994. Professor titular de Língua Portuguesa, Linguística e Filologia Românica da Fundação Técnico-Educacional Souza Marques, de 1968 a 1988. Professor de Língua Portuguesa e Filologia Românica em IES nacionais (citem-se: PUC-RJ, UFSE, UFPB, UFAL, UFRN, UFAC) e estrangeiras (Alemanha, Holanda e Portugal). Em 1971-72 exerceu o cargo de Professor Titular Visitante da Universidade de Colônia (Alemanha) e de 1987 a 1989 igual cargo na Universidade de Coimbra (Portugal). Professor Emérito da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (1994) e da Universidade Federal Fluminense (1998). Doutor Honoris Causa da Universidade de Coimbra (2000). Orientador de dissertações de Mestrado e de teses de Doutorado em diversas instituições, assumiu diversos cargos, como Diretor do Instituto de Filosofia e Letras da UERJ, Secretário-Geral do Conselho Estadual de Educação do Rio de Janeiro, etc. Membro titular da Academia Brasileira de Filologia, da Sociedade Brasileira de Romanistas, do Círculo Linguístico do Rio de Janeiro. Membro da Société de Linguistique Romane e do PEN Clube do Brasil. Sócio correspondente da Academia das Ciências de Lisboa e da Academia Internacional da Cultura Portuguesa. Distinguido com as medalhas José de Anchieta e de Honra ao Mérito Educacional (da Secretaria de Educação e Cultura do Rio de Janeiro), e medalha Oskar Nobiling (da Sociedade Brasileira de Língua e Literatura). Entre centenas de artigos, comunicações a congressos nacionais e internacionais, Bechara escreveu livros que já se tornaram clássicos, pelas suas sucessivas edições, e assumiu a Direção de diversas publicações, como as revistas Littera, Confluência, etc. É o quinto ocupante da Cadeira nº 33 da Academia Brasileira de Letras, eleito em 11 de dezembro de 2000, na sucessão de Afrânio Coutinho e recebido em 25 de maio de 2001 pelo Acadêmico Sérgio Corrêa da Costa. É PATRONO DOS COLÓQUIOS DA Lusofonia e dos Encontros Açorianos da Lusofonia desde 2007.

O NOVO ACORDO ORTOGRÁFICO

9. CARLA ALEXANDRA GUERREIRO

Carla Alexandra Ferreira do Espírito Santo Guerreiro é licenciada em Português-Inglês (Ensino de), pela Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro. Mestre em Ensino da Língua e da Literatura Portuguesas, com a Tese: *A Mundividência Infantil na Obra de Guerra Junqueiro*, é doutoranda em Literatura Portuguesa para a Infância, realizando a investigação: *A Literatura para a Infância em Portugal, do séc. XIX à Atualidade - Contributos para a identificação de um Paradigma*. Docente do Instituto Politécnico de Bragança, pertence ao Departamento de Português da Escola Superior de Educação, desde 1999, é responsável por cadeiras de Língua Portuguesa, Literatura para a Infância e Literatura para a Juventude. Coordena, desde 2001, um conjunto de Projetos, em parceria com o Espaço lúdico Infantil da ESEB, no âmbito da promoção do livro e da leitura, no âmbito do Plano Nacional de Leitura-Ler+, que abrange desde o Pré-escolar ao 2º Ciclo de Escolaridade.

MIA COUTO E O GATO E O ESCURO- A ESCRITA “BRINCRIADA” DE UM AUTOR LUSÓFONO

Propomo-nos, com a nossa comunicação, refletir sobre a escrita de uma das vozes da lusofonia mais traduzidas em todo o mundo, o escritor moçambicano Mia Couto. Porque a nossa área de investigação e especialização é a literatura para a infância, escolhemos a obra: *O Gato e o Escuro*, uma incursão do autor, ao que sabemos sem continuidade, no mundo da literatura destinada aos mais novos. Através da análise temática e técnico compositiva desta obra, pretendemos fazer uma sensibilização para a escrita criativa deste autor, plena de neologismos e recursos expressivos, o que faz com que ele seja responsável por uma “reinvenção” da língua portuguesa, que é simultaneamente uma e múltipla, pois que se encontra espalhada por vários continentes. Pretendemos, também, com a nossa breve reflexão, sublinhar a importância assumida pela literatura para infância, como uma área autónoma da criação literária, eleita também por autores consagrados, tal como o escritor por nós escolhido.

10. JOÃO CRAVEIRINHA *convidado 2008*

João CRAVEIRINHA (JC / Kraveirinha na pintura) Nascido na ilha de Moçambique em 1947.

1. Galiza (2008) 6 outubro (Espanha): convidado ao lançamento da Academia Galega da Língua Portuguesa. Intervenção na Mesa de Oradores.

Portugal (2008) 2 – 5 outubro: Bragança (zona norte), convidado ao VII Colóquio Anual da Lusofonia: apresentação de “Ensaio: Variação Diatópica do Português Europeu (P.E), em África – o caso de Moçambique”.

Portugal (2008) maio: Trofa (zona norte), participação e intervenção cultural no “Encontro Lusófono” no festival do livro infantil na Casa da Cultura de Trofa (convidado pela autarquia - pelouro da cultura do Município de Trofa).

2. Portugal (2008): Lisboa, estudante universitário (finalista), cronista e artista plástico. De 1996 à atualidade (2008), colunista em jornais e revistas em Moçambique, Portugal, Brasil e Angola (reproduzidos em sites e blogues pelo mundo).

3. França (2007): Paris, convidado e participante na: ““African Union-African Diaspora in Europe Regional Consultative Conference” – de 11 a 12 de setembro 2007 no – Palais des Congrès de Paris, 2, place de la Porte Maillot, 75017, Paris (France). Evento

organizado pelo governo da África do Sul mandatado pela União Africana (Adis Abeba, Etiópia). Intervenção em inglês em PowerPoint, na comissão 3, sobre o Afropessimismo: “Historical, Socio-Cultural and Religious Commonalities and Challenges”.

4. Portugal (2007): Lisboa, autotradução do português para inglês de 2 livros seus para Teatro. 1ª Revisão por professor de inglês (britânico). Projeto para edição na Inglaterra e E.U.A (África do Sul e Austrália).

5. Portugal (2006): Lisboa; F.L.U.L., ingresso com nota alta no ano letivo 2006/2007, Processo de Bolonha – maiores de 23 anos; curso Ciências da Cultura variante Comunicação e Cultura: áreas de sociologia da cultura – linguagem e comunicação – história – estudos culturais.

6. Brasil (2005) 15 de dezembro: Universidade de S. Paulo (USP); O Prof. DR. Adolfo Gonçalves, doutor em Literatura Portuguesa, considera o livro escrito por João Craveirinha, “Jezebel”, o romance da lusofonia: - “Como se vê, Jezebel reúne personagens que quase nunca encontramos na literatura de língua portuguesa, embora, diariamente, deparemo-nos com elas nas ruas de nossas cidades. Por tudo isso, justifica-se atribuir a (João) Craveirinha o mérito de ter escrito o romance da lusofonia”.

7. Portugal (2005): Lisboa, entrevista na Televisão (TVi) com o autor JC (talk-show). CINEMA: Concorre a financiamento do ICAM (atual ICA) com a produtora portuguesa, Beja Filmes, para produção de dois filmes: um sobre Fernando Pessoa baseado no livro de JC para Teatro “ E a Pessoa de Fernando Ignorou África?” e outro épico colonial; “O Combate de Marracuene” que teve lugar em 1895 em Moçambique. O projeto passou a 1ª fase mas não a segunda devido à falta de verba do ICAM. O financiamento foi atribuído ao produtor Paulo Branco e ao realizador Manuel de Oliveira.

8. Alemanha (2005) maio: Frankfurt, livraria lusófona TFM; lançamento de seus livros e palestra sobre sua obra, lusofonia e literatura em Moçambique.

Colónia: Entrevista na Universidade de Colónia, Departamento de Literaturas em Língua Portuguesa.

Bona: Entrevista na Escola Diplomática (setor estudos africanos e lusófono).

Bona: Visita à sede da Rádio Deutsche Welle (Public Broadcasting Service -Kurt-Schumacher-Str. 3 - 53113 Bonn). Em 2005 teve seus livros em stand próprio, em Frankfurt, na Feira Mundial do Livro na Alemanha (*Wiedenhöfer Associados – Literaturagent, Buchenhöhe 1 – Germany*).

9. Suécia (2005) 27 de abril: Estocolmo; Universidade de Estocolmo, orienta uma aula de (Literatura) em português. Lançamento de seus livros na “Libreria Latinoamericana em Drottninggatan 91” – centro de Estocolmo, com homenagem musical e poesia sul-americana, ao autor. Entrevista à Televisão sueca (junho).

10. Suécia (2005) 21 abril: Estocolmo; Museu Etnográfico (Etnografiska Museet, Djurgårdsbrunnsvägen 34); Profere palestra em inglês (introdução em sueco por tradutora). Temática sobre Arte Moderna e a influência da arte africana na arte moderna ocidental. O paradigma da escultura maconde. (Com projeção de transparências e fundo de música moderna moçambicana de Fany Mpfumo e dos músicos da diáspora moçambicana em Portugal e Inglaterra: Costa Neto, Otis (Alípio Cruz) e Sérgio Gonçalves.

11. Moçambique, Portugal e Galiza (2001 a 2008): Quatro livros publicados e apresentados em Moçambique, Portugal, Alemanha, Suécia e Brasil. Outubro de 2008 em Bragança (Portugal) e Galiza (Espanha).

12. Moçambique e Portugal (1997 a 2006): Crónicas publicadas, ensaios, análises políticas sobre a globalização (2ª guerra do Iraque na 1ª hora).

Trabalhador a prazo na segurança social em Lisboa (Areiro).

13. Moçambique e Portugal (1998 a 2002): Realizador de programas para Rádio em direto e de Televisão em Betacam SX: (RTK, RTP e RR).

14. Portugal (1998 a 2000): Projeto para seriado em Televisão intitulado: Crónicas de Ontem e de Hoje (documentário sobre história colonial e pós-colonial de Portugal em África). *Remasterizado* individualmente em 2006. Projeto abandonado pela RTP. Na África do Sul (1999) é nomeado delegado desportivo por Moçambique, nos sétimos jogos desportivos africanos (*7th All Africa Games 99* - greater Johannesburg).

15. Portugal (1990 a 1995): Porto, Lisboa e Maia (CMM): Conferencista sobre o papel da democracia e da liberdade de expressão na comunicação social, como dinamizador do desenvolvimento socioeconómico. Animador cultural e organizador de espetáculos multiculturais ecléticos. Fundador de Associação cívica em Lisboa (1994) e de ONGD (cooperação e desenvolvimento) em Portugal e Moçambique (1995/6), contactos diretos na C.E/DGVIII em Bruxelas rue de Genève.

16. Portugal (1993): Lisboa; reconhecimento de Mérito Cultural pelo Ministério da Cultura português. Organiza catorze dias de Intervenção Cultural da Lusofonia no padrão dos descobrimentos em Lisboa. Patrocínio parcial da CML. (Registados parcialmente em vídeo UMATIC e convertido em DVD em 2006).

17. Bélgica (1991): Bruxelas; pré-Europália a convite do governo belga.

18. África e Europa (1976 a 1989): Criativo (ARTWORK) e desenhador de publicidade (comercial). Moçambique, Principado de Andorra, Espanha (Ibiza) e Portugal. Paginador de livros escolares (layout) e montador gráfico. (Chefe de secção gráfica em Ibiza na Rádio-Diário-Jornal, multilingue).

João Craveirinha é o único autor da maior pintura Mural (épica) de África (1ª fase em 1979, retocado em 2000) – 110 m comprimento x 005 m de altura, situado na Praça dos Heróis em Maputo – Moçambique. (Sofreu influência da escola de arte mexicana de murais gigantes – Sequeiros e Rivera).

Moçambique (1981): apoia movimento anti-apartheid da África do Sul, oferecendo poster artístico, para venda internacional, anunciando espetáculo de Jazz – Opera Calaári em Maputo, do pianista sul-africano, Abdulah Ibrahim, aliás Dollar Brand (protegido do compositor norte-americano, Duke Ellington).

19. África e Europa (1976-1989): Formador profissional de desenho gráfico e câmara escura; Moçambique, Andorra, Ibiza (Espanha) e Portugal (Damaia). Trabalhador nos Correios em Lisboa (Cabo Ruivo, 1983). Emigra para Andorra.

20. Tanzânia e Moçambique (1969-1981): Agitprop (criativo e designer de propaganda política e de publicidade e de campanhas diversas). Designer (extraordinário) do Pavilhão de Moçambique no “Bulawayo International Trade Fair” em Zimbabue (1981). Menção honrosa.

Designer na FACIM (Feira Internacional de Moçambique). Menções honrosas (presidenciais) dos seus projetos de pavilhões da Mabor e do Turismo cinegético em 1977.

21. África e Europa (1962-1996): Exposições coletivas e individuais de pintura – África do Sul, Moçambique, Portugal, Andorra. Citado pela revista “Courrier” da UNESCO (1990).

22. África Austral (1962-1967): Militante da clandestinidade nacionalista (ala da juventude) em Lourenço Marques (LM, cidade capital, colonial, portuguesa) na luta pela independência de Moçambique. Sofre detenções em prisões africanas (Botswana e Zâmbia) na sua caminhada pelo exílio político como ativista tempo inteiro na diáspora, contra a situação colonial em Moçambique. 1972 (junho) desvinculação do seu movimento político (FRELIMO) por dissidência e sobrevivência, devido a situação controversa no seio do mesmo movimento de libertação moçambicano a que aderira desde 1962 na clandestinidade. Refugiado político em Quênia (1972). Regresso compulsivo a Moçambique colonial. Vigiado pela PIDE (polícia política) de 1972 ao seu colapso em 1974. Apresentação voluntária à FRELIMO em Tanzânia, por interferência de seu tio paterno (o poeta José Craveirinha chefe da clandestinidade em LM). Preso político da FRELIMO (por dissidência) de 1974 -1976, passando pelos campos de concentração (mortíferos) na base em Tanzânia e no Niassa (norte de Moçambique já Independente). Amnistiado *in extremis* por intervenção de seu tio paterno ao então presidente, Samora Machel. “Travessia do deserto” de 1976 a 1983 em Moçambique. Face a tragédia familiar (viuvez por acidente) embarca para a Europa, com três filhos c

23. África (Moçambique 1962-1967) (Europa 1990): Dinamizador e coorganizador de eventos culturais; música urbana (afro-fusão), portuguesa, brasileira, rock, *etcetera*), exposições coletivas de pintura, saraus de poesia, teatro infantil, sessões de jazz para estudantes, palestra sobre Arte e a influência africana na arte contemporânea e na música (Picasso, Braque, Matisse, Gauguin, Rouault, Léger, Stravinsky, *et cetera*). Ciclo retomado em Portugal na década de 1990.

Textos em: <http://recantodasletras.uol.com.br/autores/Feiticeiro>

João CRAVEIRINHA Lisboa 2008-09-07 (última atualização)

ENSAIO SOBRE VARIAÇÃO DIATÓPICA DO PORTUGUÊS EUROPEU (P.E.) EM ÁFRICA

“E reconhecer que, além disso, em África, se acham em formação uma variante moçambicana e uma variante angolana, que precisam de determinadas condições sociais para vingar.” (Castro 2006:12 apud Guião 10/1 LC – DLGR 2006/2007).

No entanto permita-nos fazer um pequeno reparo: na década de sessenta (do século XX), durante o período da luta armada contra o sistema colonial português, em Angola e Moçambique, da parte dos intervenientes africanos surgiria a necessidade de um elo de comunicação neutro face à diversidade étnico – linguística, territorial. Seria assim adotada a língua portuguesa (a do ocupante) como oficial. (...) Essa expansão linguística de tipo P.E, penetraria para além dos centros urbanos e periurbanos, alcançando zonas remotas até então sem expressão da língua portuguesa precisamente pela ausência de agentes diretos utilizadores da língua portuguesa (locais ou alienígenas europeus). As populações africanas, em muitas dessas regiões do interior do sertão africano, pela primeira vez teriam contacto com um cidadão português europeu (ibérico), através da guerra e na pessoa de um soldado de arma em punho. Isto na década de 60 do século XX. Angola sofria uma influência acentuada da francofonia, a norte, fronteira ao Congo (Kinshasa) (...) Moçambique por seu lado

estava rodeado por vizinhos anglófonos a saber: a norte a Tanzânia, a ocidente o Malawi e a Rodésia de então e a sul com a Suazilândia e a África do Sul. Do lado oposto mais a oriente, através do canal de Moçambique, situa-se a grande ilha de Madagáscar, francófona, no entanto devido ao obstáculo da travessia do canal nenhuma influência linguística a ser registada. A característica comum desses territórios africanos nas influências linguísticas tem a ver com a situação histórica de ocupação colonial pela Inglaterra, Portugal e França. (...) ~

11. DULCE PEREIRA CONVIDADA

Linguista, docente do Departamento de Linguística Geral e Românica da FLUL, nas áreas dos Crioulos de Base Portuguesa, da Linguística Geral, da Sociolinguística e da Didática da Língua Portuguesa. Investigadora do Instituto de Linguística Teórica e Computacional (ILTEC) e membro da direção da Associação de Crioulos de Base Lexical Portuguesa e Espanhola (ACBLPE). Coordenadora dos Projetos do ILTEC *Diversidade Linguística na Escola Portuguesa (2003-2007)* e *Turmas Bilingues na Escola Portuguesa (2007-)*, apoiados e financiados pela Fundação Calouste Gulbenkian. Investigadora, desde 1980, das línguas crioulas de base portuguesa, em particular do cabo-verdiano (aspectos gramaticais e lexicais, efeitos sociolinguísticos do contacto com a língua portuguesa e processos de normalização e instrumentalização). Coordenadora, consultora e formadora de vários projetos e cursos no âmbito da linguística crioula, da educação bilingue e ensino do português em contexto multilingue, em Portugal e em Cabo Verde, de que se destacam o *Projeto experimental de alfabetização bilingue de adultos (1987-92)* promovidos pela Cooperação Suíça, em Cabo Verde (no âmbito do qual elaborou uma proposta de grafia e vários estudos de índole gramatical e lexical), a coordenação da cadeira de Língua Cabo-verdiana do curso de Estudos Cabo-verdianos e Portugueses do Instituto Superior de Educação da Cidade da Praia (1992 e 1997) e o Projeto internacional (Sócrates-Comenius) *Nursery Policy and Practice within a Bilingual Context*, no âmbito do Secretariado Entreculturas (de 1998 a 2000). Autora de vários artigos e publicações, entre os quais *O Universo do Crioulo (1993)*, *Estórias de Linguagem (1998)*, *Português a Mil Vozes (2003)*, *O Essencial sobre Crioulos de Base Portuguesa (2006)* e *Crescer Bilingue (2006)*.

CONTRIBUTOS PARA O DESENVOLVIMENTO DO CRIOULO DE CABO VERDE E DO PORTUGUÊS: INSTRUMENTALIZAÇÃO, EDUCAÇÃO E ENSINO

...e havia o crioulo, essa língua que faz dos portugueses uns seres ansiosos, porque tão depressa parece entregar-se à nossa compreensão como logo se escapa, ritmo de cobra e água viva que afinal o nosso corpo difícil não foi capaz de acompanhar.

José Saramago

Quando duas línguas estão em situação de contacto, em especial quando se trata de um crioulo e da sua *língua de base* ou de línguas de estatuto social diferente, só uma política assumida de promoção do bilinguismo funcional permite desenvolver harmoniosamente ambas as línguas, tanto nos indivíduos, como na comunidade. Sem essa política, o contacto pode ter efeitos mais ou menos perversos, entre os quais a assimilação e a erosão linguísticas, de que daremos exemplos, em discursos

produzidos por cabo-verdianos, falantes de língua portuguesa. Na convicção de que “cada língua dá testemunho, a seu modo, da experiência humana”, e traz consigo “conhecimentos únicos no plano cultural, histórico e ambiental”, um grupo especial de peritos da UNESCO (cumprindo as diretrizes de apoio à diversidade linguística, na sua relação com a biodiversidade e a diversidade cultural) elaborou, em 2003, um documento sobre as línguas em perigo (*Vitalité et disparition des langues*) em que apresentou um modelo, contendo nove parâmetros, para determinar o grau de vitalidade de uma língua, de modo a apoiar as medidas políticas de preservação e desenvolvimento linguísticos. O Cabo-verdiano e o Português estão hoje, em Cabo Verde e em Portugal, em situações diferentes de contacto linguístico cujos efeitos serão mais ou menos negativos ou positivos, dependendo das ações que forem ou não levadas a cabo em favor da vitalidade das duas línguas em presença. Fatores como a utilização das línguas nos diferentes domínios de uso, públicos e privados; a adaptação aos novos domínios e meios de comunicação e o ensino, não só da oralidade mas também da escrita (referidos pela UNESCO) influenciam positivamente o contacto entre as duas línguas, evitando fenómenos de cristalização na aprendizagem, de mistura não controlada de línguas ou de perda de variedades (por falta de funcionalidade) e favorecendo, pelo contrário, a criação e o desenvolvimento de novos estilos e de novos recursos gramaticais, vocabulares e textuais. Daremos exemplos de como a instrumentalização e o ensino do Crioulo, a par do Português, e a educação linguística em geral, tornando nítidas as fronteiras entre as duas línguas (uma de tradição oral e outra de tradição escrita), são condição indispensável à sua preservação e ao seu enriquecimento mútuo.

12. EDMA ABDUL SATAR

Edma Abdul Satar nasceu no dia 1 de fevereiro de 1950 em Quelimane, no distrito da Zambézia, em Moçambique. Seguiu os estudos básicos e secundários em vários colégios no país e em Portugal. Desde pequena, o seu maior passatempo era a leitura e a música, que acompanhava tentando saber as letras das canções, entusiasmando-se desde cedo por línguas estrangeiras. Além da Língua Portuguesa, fala e escreve com desenvoltura o Inglês, Francês, Alemão e Espanhol. Terminado o antigo 7º Ano Liceal na Beira, teve de interromper os estudos, por inexistência do curso de Germânicas na capital moçambicana e, por esse motivo começou a trabalhar como Professora de Inglês em Quelimane.

Após a independência de Moçambique rumou para a Alemanha, então Alemanha Federal, e fez a preparação da língua alemã para entrar na Universidade de Munique, a fim de prosseguir os seus estudos mas, oito meses depois, decidiu visitar os irmãos em Portugal, vindos de Moçambique, após a expulsão pelo governo moçambicano de então. Decidiu permanecer em Portugal.

Em novembro do mesmo ano iniciou o Curso de Línguas e Literaturas Modernas, na variante Francês/Alemão, na Faculdade de Letras da Universidade Clássica de Lisboa. Terminada a Licenciatura, prosseguiu uma pós-graduação em Ciências Documentais, a fim de obter os conhecimentos necessários para o tratamento documental exigido à função que exercia na Biblioteca do Departamento Alemão da mesma universidade. O tratamento de monografias em situação interdisciplinar, particularmente a tarefa de Indexação nos vários domínios científicos levou-a aprofundar os conhecimentos em

análise documental num Mestrado em Comunicação e Linguagem, na especialidade de Lexicologia/Lexicografia, seguindo-se um Curso de Doutoramento na mesma área, na Universidade Nova de Lisboa. Possui ainda o Diploma de Estudos Aprofundados (DEA) em Ciências da Documentação e Informação. As suas raízes e ligação que ainda mantém à sua terra natal e a paixão pela investigação motivam-na a querer dar um contributo às línguas nacionais moçambicanas, com recolha de léxico destinado ao vocabulário elementar numa variante da língua XiSena.

A IMPORTÂNCIA DA RECOLHA DO LÉXICO DAS LÍNGUAS NACIONAIS DE MOÇAMBIQUE

A minha contribuição neste 7º Colóquio Anual da Lusofonia não se relaciona diretamente com o tema da *crioulização* por razões que aqui serão apresentadas, mas pela vontade de contribuir para a recolha de algum léxico elementar de uma língua minoritária existente em determinada região de Moçambique, onde é marcante a influência dos antecedentes históricos no séc. XIX, relacionados com o mapa cor-de-rosa e a presença dos ingleses nessa região. Apresentadas as razões que contribuíram para o fenómeno de reestruturação da língua após o período colonial, quer por motivos sociais e históricos que justificam a diversidade dos termos das línguas nacionais moçambicanas por um lado, quer pela influência dos árabes nos aspetos morfológicos e sintático gramaticais em alguns locais por outro, considera-se importante registar o aspeto lexical das variedades linguísticas moçambicanas. Reconhece-se a forte herança dos colonos portugueses na preservação de muitos aspetos na cultura moçambicana, onde não existem sinais de *crioulização*, considerando o conceito de “crioulo” como a língua resultante do contacto de um sistema linguístico originário com o sistema linguístico indígena que se verifica, por exemplo, no crioulo cabo-verdiano, no das Antilhas ou mesmo no Afrikaans. Apontam-se possíveis causas para a inexistência deste fenómeno linguístico relacionadas com a política portuguesa nas antigas províncias ultramarinas. O testemunho oral de um moçambicano parece confirmar as razões deste facto, sendo incontestável a inexistência de conflitos interétnicos ou intergrupais no país. Possivelmente, porque cada comunidade linguística conseguiu preservar a sua língua e a sua cultura, não favorecendo o fenómeno. Não existe “crioulo” em Moçambique, embora sejam várias as línguas nacionais pertencentes ao grupo etnolinguístico africano dos falantes da língua Bantu, a par com a língua portuguesa. Constata-se que, contrariamente ao desejo de alteração da língua oficial do país pelo inglês, a língua portuguesa continua bem viva. A mudança da língua portuguesa pela língua inglesa devido à adesão de Moçambique à Commonwealth ficou por se concretizar, apontando-se como fatores que para isso contribuíram, a situação político-económica e social do país que, dificilmente podia suportar os custos de formação da língua inglesa em todo o país, a herança colonial portuguesa bem marcante na comunicação e expressão tanto nos adultos como nas crianças, travando o seu abandono em prol da língua inglesa. Por outro lado, a evolução dos meios de comunicação e informação, particularmente a televisão, com programas televisivos moçambicanos que permitiam um acompanhamento dos similares difundidos em Portugal, onde o sucesso dos concursos de canção do tipo “chuva de estrelas”, concursos de moda de trajes regionais, faziam a delícia das populações que começaram a ter acesso à televisão, no limiar do novo século.

Apresentam-se exemplos da influência da língua inglesa nos termos da variante da língua XiSena e Chinandja, na região da Alta Zambézia, e defende-se um estudo

aprofundado do léxico local, com vista à fixação lexical e elaboração de um dicionário elementar, para o caso de vingar o projeto do uso das línguas locais na educação básica das crianças em idade escolar.

13. EDSON FERREIRA MARTINS E

Graduado em Língua e Literatura Latinas pela Universidade Federal de Juiz de Fora (2001), Mestre em Linguística pela mesma Universidade (2004). Doutorando em Linguística pela Universidade de Évora (início em 2007). Atualmente é professor assistente no Departamento de Letras da Universidade Federal de Viçosa. Tem experiência na área de Linguística, com ênfase em Linguística Histórica e Sociolinguística e Língua Latina, atuando principalmente nos seguintes temas: variação e mudança linguística; história da língua portuguesa; ensino de língua latina.

14. M^a JOÃO MARÇALO

é doutorada em Linguística pela Universidade de Évora, onde leciona no Departamento de Linguística e Literaturas. Licenciou-se em Línguas e Literaturas Modernas – Português e Inglês, na Faculdade de Letras de Lisboa, tendo apresentado Provas de Aptidão Científica e Capacidade Pedagógica na Universidade de Évora nos anos 90. Tem vários artigos publicados em revistas nacionais e internacionais, bem como em atas de Congressos.

É autora do livro *Introdução à Linguística Funcional*. Desde 2005 é investigadora do Centro de Linguística da Universidade Nova de Lisboa, no qual continua como colaboradora, sendo atualmente membro integrado do Centro de Estudos em Letras (CEL- UTAD/U. Évora). A sua área de trabalho é a Língua Portuguesa, interessando-se por teorias da linguagem, políticas linguísticas, ciências do léxico, e, no domínio da Linguística Aplicada, sobretudo por questões relacionadas com tradução. É diretora da Comissão de Curso do Mestrado em Línguas Aplicadas e Tradução na Universidade de Évora.

DIVERSIDADE LINGUÍSTICA E IDENTIDADE NACIONAL EM MONTEIRO LOBATO: CONTRIBUTOS PARA O ESTUDO DO PORTUGUÊS DO BRASIL E DO PORTUGUÊS EUROPEU

O presente trabalho visa analisar, em seu conjunto, as ideias linguísticas desenvolvidas pelo escritor brasileiro Monteiro Lobato no conto gramatical intitulado *O colocador de pronomes*. Escritor versátil, mas também editor, educador, almejando-se um reformador da cultura brasileira, Lobato desejava promover uma modificação na forma de se conceber língua e gramática no contexto do ensino brasileiro, fazendo convergir em seu texto certos movimentos que apontam para a valorização das divergências linguísticas entre o Português Brasileiro (PB) e o Português Europeu (PE), em favor da expressão da nacionalidade brasileira.

Na análise, buscamos demonstrar em que medida os condicionamentos históricos linguísticos e literários influenciaram a produção deste texto lobatiano, enfatizando, na análise do texto, a relevância dada por Lobato a divergências presentes nos níveis lexical e sintático-semântico das duas variedades do português, tais como: a escolha lexical; a receção dos estrangeirismos; o uso de *ter* por *haver*; a colocação pronominal; e a concordância na dita *voz passiva sintética*.

15. ELIS DE ALMEIDA CARDOSO

Elis de Almeida Cardoso é mestre e doutora em Letras pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, onde atua como professora na área de Filologia e Língua Portuguesa (graduação e pós-graduação). Ministra na graduação as disciplinas *Introdução ao Estudo de Língua Portuguesa* (variações linguísticas, ensino da língua e história da língua) e *Morfologia do português* (estrutura e formação de palavras) e, na pós-graduação, a disciplina *A criação lexical no texto literário*. Tem desenvolvido pesquisas nas áreas de Morfologia, Lexicologia e Estilística. É autora de vários artigos científicos, que exploram, sobretudo, a formação neológica e os aspetos expressivos da criatividade lexical, e do capítulo do livro *A língua que falamos* (São Paulo, Globo, 2005) intitulado *A formação histórica do léxico da Língua Portuguesa*. É uma das organizadoras do livro *Modelos de Análise Linguística* (São Paulo, Contexto, no prelo). Orienta em nível de mestrado e doutorado e coordena o projeto de pesquisa *Criação lexical estilística*, desenvolvido na USP com a participação de mestrandos e doutorandos. Integra a comissão coordenadora do programa de pós-graduação em Filologia e Língua Portuguesa. Atualmente prepara seu estágio pós-doutoral, que será realizado na Universidade de Lisboa, com início no segundo semestre de 2008.

O LÉXICO DA PERIFERIA: UMA ANÁLISE DE UM DOS DIALETOS DO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Este trabalho tem como objetivo principal mostrar quais os processos de formação neológica que aparecem em “Dialeto local” - dicionário divulgado em www.capao.com.br, que registra o léxico de um bairro periférico da cidade de São Paulo (Capão Redondo) e é alimentado com base na sugestão de moradores do bairro e de internautas em geral. O portal, criado em 2000, surgiu com o objetivo de mostrar que no bairro do Capão Redondo não existe só criminalidade, mas também uma cultura e um dialeto próprios. A linguagem da periferia dos grandes centros urbanos brasileiros, sobretudo São Paulo e Rio de Janeiro, apresenta características próprias principalmente no que diz respeito ao léxico. Por serem áreas onde impera a violência e o tráfico de drogas, muitas dessas novas palavras que integram o léxico da periferia associam-se justamente a esses universos. Carregados de ideologia, os neologismos surgem com o objetivo de marcar território e de delimitar grupos sociais. O bairro do Capão Redondo, situado na zona sul da capital paulista, tem 203 mil moradores, divididos em 99 quilômetros quadrados e 584 favelas. 9% dos chefes de família não possuem nenhum rendimento e é registrado um homicídio a cada dois dias. Com base nos estudos da criatividade lexical, de Louis Guilbert, pretende-se analisar os processos de formação do léxico utilizado por um determinado grupo da sociedade brasileira. Por meio das escolhas e formações lexicais, objetiva-se verificar, com base na estilística e na sociolinguística variacionista, a visão de mundo e a ideologia de uma das muitas comunidades lusófonas.

16. GISLANE APARECIDA MARTINS SIQUEIRA

Gislane Aparecida Martins Siqueira, professora de Língua Portuguesa desde 1993, atualmente é professora de Linguagem Jurídica no curso de Direito no Instituto Educacional Teresa Martin (UNIESP), na cidade de São Paulo - Brasil e mestranda em

Letras na Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM), também na cidade de São Paulo.

ORGANIZAÇÃO DISCURSIVA: ONTEM E HOJE

Este trabalho tem por objetivo comparar a organização discursiva do documento Jurídico Petição Inicial cujo teor básico se encontra disciplinado pelo Código de Processo Civil (CPC), atualmente organizado em requisitos por juristas/Linguistas, com a menção da organização discursiva de um Sermão, citada pelo Pe. Antônio Vieira, na VI parte de seu **Sermão da Sexagésima**, onde compara as partes de uma árvore às partes de um sermão. Sob a luz dos estudos do linguista Van Dijk (2004), sobre superestrutura, confrontou-se os elementos da árvore, indicados por Vieira, com os do Sermão e com os da Petição Inicial, chegando-se à conclusão de que a menção feita em 1655 no “Sermão da Sexagésima” em que é estabelecido o que deve conter um sermão, para que a prédica atinja o objetivo pretendido, aplica-se, atualmente, na Petição Inicial, documento que tem por objetivo convencer o juiz, por meio da argumentação, da necessidade de reparar a violação de um direito alheio.

17. HELENA LIMA AFONSO

Nos anos 60, na freguesia da Conceição, concelho de S.Tomé (S.Tomé e Príncipe), nasceu Helena Afonso. Realizou os seus estudos primários assim como a 5.ª classe em Angola, país a que chegara aos quatro anos de idade. Com a Revolução de abril (1974) regressa ao seu país natal, prosseguindo aí os seus estudos. Participou, ainda em S.Tomé, num curso acelerado de professores. Foi docente na Escola Preparatória Patrice Lumumba (S.Tomé), onde lecionou a disciplina de Língua Portuguesa. Em 1981 desloca-se a Lisboa para prossecução de estudos. Ingressa na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa onde obtém a licenciatura em Línguas e Literaturas Modernas - variante de Estudos Portugueses. Dada a situação de instabilidade que se tem vivido no país em termos laborais, o exercício da docência não se tem efetivado de forma contínua. Frequenta, presentemente, na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, o Mestrado em Língua e Cultura Portuguesa (Área de Especialização – Metodologia do Ensino do Português Língua Segunda Língua Estrangeira). Sensibilizada com a problemática das línguas africanas e portuguesa, tem participado (embora essencialmente como ouvinte) em palestras ligadas a esta problemática.

A LÍNGUA PORTUGUESA E OS FENÓMENOS DE INTERFERÊNCIAS LINGUÍSTICAS EM S.TOMÉ E PRÍNCIPE

Buscando linhas de orientação para a abordagem de tema tão abrangente e vasto como o subjaz à realização deste Colóquio, reputo como domínio interessante de análise as relações entre a língua portuguesa e os seus crioulos, cujas afinidades, embora históricas, não limitaram ainda o jogo de interferências mútuas que os torna cúmplices. O trabalho que aqui ousou apresentar intitula-se “A língua portuguesa e os fenómenos de interferência linguística em S. Tomé e Príncipe”. Acolherei, como realidade a abordar, a problemática da língua portuguesa em S.Tomé e Príncipe, onde, por razões históricas bem determinadas, a língua portuguesa ganhou uma implementação significativa, assumindo-se como uma língua de comunicação de grande parte da população, não obstante a parceria com os crioulos locais, de forte predominância, sobretudo nas zonas rurais e nas populações urbanas menos letradas. Assim, constitui objetivo desta breve apresentação, dar conta dos fenómenos de

variação relativamente à norma europeia que ocorrem em S.Tomé e Príncipe no discurso oral e escrito dos falantes que usam o Português como língua segunda e cuja língua materna ou é um dos crioulos, ou como acontece não raras vezes, uma variante oral da língua portuguesa, de cunho popular, que tendo enorme expansão em todo o território nacional se apresenta como lugar de eleição dos fenómenos de variação.

18. IRENILDE PEREIRA DOS SANTOS

Possui mestrado (1975), doutorado (1981) e livre-docência (1988) em Linguística pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH-USP), tendo feito estágio de pós-doutorado na Indiana University, nos Estados Unidos. É docente e orientadora permanente do Curso de Pós-Graduação em Linguística da Universidade de São Paulo, tendo, atualmente, sob sua orientação seis doutorandos e dois mestrandos. Foi coordenadora do Curso de Pós-Graduação em Linguística e vice-chefe do Departamento de Linguística da Universidade de São Paulo por duas vezes. Levou à defesa quase vinte alunos em nível de doutorado e pouco mais de dez em nível de mestrado. Vários tiveram bolsa de estudos da CAPES e do CNPq. Orientou, ainda, pouco mais de vinte alunos de iniciação científica. Também pertence ao corpo docente do Programa de Mestrado Acadêmico de Linguística da Universidade Cruzeiro do Sul, do qual é vice-coordenadora, e orienta dois mestrandos. É coordenadora do Grupo de Pesquisa em Dialetologia e Geolinguística – GPDG/USP-, cadastrado no CNPq, e participa de dois outros grupos de pesquisa na Universidade Cruzeiro do Sul - Memória e Discurso e Teorias e práticas discursivas e textuais, ambos igualmente cadastrados no CNPq. Foi coordenadora nacional do *Projeto de Aperfeiçoamento para Professores do ensino médio em Língua Portuguesa*, no Convênio Universidade de São Paulo/Vitae, apoio à Cultura, Educação e Promoção Social/Secretarias de Estado da Educação do Brasil. Participa regularmente de congressos no Brasil e no exterior, bem como profere palestras e conferências. Tem publicado artigos e capítulos de livros, inclusive no Japão, sobre as áreas em que atua. Desenvolve pesquisa sobre temas relacionados aos seguintes campos do saber/fazer linguístico: Geolinguística, Sociolinguística, Ensino de Língua Portuguesa e Análise do Discurso.

ATLAS LINGÜÍSTICOS BRASILEIROS E ATIVIDADE DISCURSIVA: CONTRIBUIÇÕES AO ENSINO DA LÍNGUA PORTUGUESA

No Brasil, em geral, a elaboração dos atlas linguísticos inicia-se pelo levantamento dos indicadores sociais e pelo mapeamento histórico-geográfico da área a ser pesquisada. Esse primeiro passo fornece os elementos para a constituição da rede de pontos, isto é, as localidades a serem investigadas. Na fase seguinte, ocorre a seleção dos informantes/sujeitos, de acordo com determinadas variáveis sociais, a saber, gênero, faixa etária e escolaridade. Segue-se a coleta dos dados, que consiste na aplicação do questionário, em entrevista *in loco*. Em seguida, procede-se à transcrição dos dados e ao tratamento quantitativo dos itens relativos às respostas ao questionário. Desse procedimento resultam listas, tabelas e cartas, que espelham a frequência e a distribuição dos fenômenos linguísticos na área pesquisada. Reproduzida dessa maneira, a pesquisa geolinguística parece restringir-se a um saber/fazer mecânico que parte do levantamento dos indicadores sociais e do mapeamento histórico-geográfico; passa pela seleção de pontos e informantes/sujeitos, procede à aplicação de um

questionário; e, por fim, resulta na elaboração de listas, tabelas e cartas. Na verdade, os atlas linguísticos não constituem apenas um retrato da frequência e da distribuição de fenômenos linguísticos, pois, por trás desses fenômenos, emerge uma intensa atividade discursiva, reveladora de um cabedal sócio-linguístico-cultural, que, com toda certeza, pode e deve ser posto a serviço do ensino de língua portuguesa. Este trabalho tem por objetivo apresentar a manifestação da atividade discursiva subjacente ao saber/fazer geolinguístico com vistas ao ensino de língua portuguesa. Parte da Análise do Discurso e, por meio do exame de dados semântico-lexicais extraídos de atlas linguísticos brasileiros publicados nas duas últimas décadas, busca: (i) destacar elementos de cunho sócio-linguístico-cultural característicos da variante do Português do Brasil; (ii) apontar como esses elementos podem ser integrados ao ensino de língua portuguesa. ~

19. JOÃO MALACA CASTELEIRO - PATRONO *DOS COLÓQUIOS*

Membro da Academia das Ciências de Lisboa desde 1979, Conselheiro Científico do Instituto Nacional de Investigação Científica, ao longo de quase 20 anos; Presidência do Conselho Científico da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa; Presidência do Instituto de Lexicologia e Lexicografia da Língua Portuguesa da Academia das Ciências de Lisboa desde 1991. Para além da sua intensa e produtiva atividade docente, o Prof. Malaca Casteleiro tem dedicado igualmente a sua carreira ao estudo da sua língua, que é também a minha: a língua portuguesa. É sobejamente conhecida de toda a comunidade académica a sua extensa obra de investigação que inclui inúmeros livros e artigos científicos. O Professor Malaca Casteleiro é ou foi responsável por Projetos de Investigação de grande importância, de entre os quais se salientam: *Português Fundamental; Estruturas Lexo-Gramaticais do Português Contemporâneo; Dicionário eletrónico do Português Contemporâneo*. Ainda no âmbito dos projetos de maior impacto e das publicações que lhes estão associadas recordo a obra que, ansiosamente aguardada, foi publicada em 2000: o “Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea”, conhecido como o “Dicionário da Academia”, e ainda o “Dicionário Escolar da Língua Portuguesa”. Colaborou na qualidade de Professor Visitante / Professor Convidado: Universidade de Macau desde 1987, desde os tempos da sua predecessora a Universidade da Ásia Oriental, e onde teve também ocasião de dirigir várias Teses de Mestrado e dirige agora uma Tese de Doutoramento. Na Universidade de Lisboa orientou também várias dezenas de teses de pós-graduação tanto ao nível de Mestrado como de Doutoramento. O reconhecimento dos seus méritos e do seu trabalho traduz-se em especial no respeito que académicos de todo o mundo têm demonstrado pela sua obra, pelos inúmeros convites para que participe em Conferências e Seminários Internacionais e creio que lhe terá sido particularmente grato receber, do governo Francês, o Grau de Cavaleiro da Ordem das Palmas Académicas, em julho de 1998. Contudo, quando em 26 de abril de 2001 foi agraciado pelo Senhor Presidente da República Portuguesa com o Grau de Grande Oficial da Ordem do Infante D. Henrique essa condecoração terá sido motivo do maior orgulho e alegria. Linguista. Professor universitário. Investigador. Licenciado em Filologia Românica pela Faculdade de Letras de Lisboa. Em 1979 doutorou-se, nessa Faculdade, em Linguística Portuguesa. Prestou provas de agregação no ano de 1981. Iniciou a atividade profissional lecionando no ensino secundário (1965-69), ao que se

seguiu a docência universitária na já referida Faculdade. Nestas funções, foi progredindo na carreira até assumir funções de catedrático de Linguística, em 1981. Tem lecionado e coordenado a cadeira de Sintaxe e Semântica do Português, no âmbito da licenciatura, e vários seminários nas áreas da Sintaxe, Léxico e Didática, no âmbito do mestrado. Foi diretor de investigação do Centro de Linguística conselheiro científico do Instituto Nacional de Investigação Científica; presidiu ao Conselho Científico da Faculdade entre 1984 e 1987. Tem coordenado e colaborado em diversos projetos de investigação e de edição, em Portugal e no estrangeiro, em articulação com organismos como o Conselho da Europa, os Serviços de Educação do Governo de Macau e o Ministério da Educação, entre outros. É membro da Academia das Ciências de Lisboa desde 1979. Tem participado em vários congressos e conferências, dentro e fora do país, apresentando e publicando textos científicos. É patrono dos Colóquios da Lusofonia desde 2007.

O NOVO ACORDO ORTOGRÁFICO EM AÇÃO

20. JOSÉ MANUEL BARBOSA ÁLVARES

José Manuel Barbosa Álvares nasceu em fevereiro de 1963 em Ourense. A sua vocação profissional como professor de E.F vem-lhe de família paterna. Neto e sobrinho de árbitros de futebol. Sobrinho e primo de jogadores de hóquei profissional. Por outra parte o seu vínculo ao País e à Língua vem-lhe por via materna. Diplomado em EGB pela especialidade de Ciências Humanas e estudante de História pela UNED. Membro da AGAL desde 1984 e pertencente ao atual Conselho da Associação sob a responsabilidade da Organização Territorial. Professor de galego-português em várias cidades e vilas de Galiza desde 1985, entre elas Mugia, Ourense e o Carvalhinho. Publicou vários trabalhos de poesia na revista AGALIA assim como algum artigo como "Galiza e Portugal: Umha ou duas naçõs?", "Um contributo ao diálogo e a concórdia normativa" e outros. Publicou também vários artigos no Jornal "La Región entre 1980 e 2008. São da sua autoria os livros "Curso Prático de Galego" em 1999; o livro de poesia "Ámago ou Mágoa" em parceria com o também poeta Roi Bras em 2002; o ensaio vexilológico "Bandeiras da Galiza" em 2006 e ultimamente o "Atlas Histórico da Galiza" também em parceria com José Manuel Gonçalves Ribeira em 2008. Atualmente é pertencente ao grupo musical-poético "Clube [d@s](#) Poetas [Viv@s](#)" que tem feito percurso por várias cidades e vilas do País levando a música e a poesia como espetáculo. Entre essas vilas e cidades Ourense, Crunha, Vigo, Compostela, Ponte Areias, Riba d'Ávia, O Carvalhinho, Verim.

«ALGUNS ASPETOS A SALIENTAR DA (PRÉ-) HISTÓRIA DA LÍNGUA»

A língua galego-portuguesa é uma língua nascida na velha Gallaecia, de origem latino mas com um substrato herdado duma língua anterior chamada polos cientistas de *Língua Galaico-Lusitana*. A filiação dessa língua substrática é discutida por muitos, mas os restos da mesma sinalam para uma possível origem céltica ou proto-céltica. Aliás, outro aspeto pouco tratado sobre a pré-história da língua é a sua situação por volta do século X quando na península o Gallaeciense Regnum era o reino cristão oposto à Espanha, também chamada de Al-Andalus. A língua do Gallaeciense Regnum é um elemento a tratar e investigar.

21. M^ª DO CÉU FONSECA E

M^ª do Céu Fonseca é professora auxiliar de nomeação definitiva no Departamento de Linguística e Literaturas da Universidade de Évora, onde se doutorou em Linguística Portuguesa (2001), e investigadora do Centro de Estudos em Letras (CEL- UTAD/U. Évora). É membro do Conselho de Redação e do Conselho Científico da *Revista de Letras* (Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro), e tem feito investigação linguística sobre a sincronia de Seiscentos, com incidência nas áreas da sintaxe e historiografia gramatical, temas sobre os quais publicou o livro *Historiografia Linguística Portuguesa e Missionária. Preposições e Posposições no Século XVII* (Lisboa, Colibri, 2006) e outros trabalhos em revistas nacionais e internacionais (por exemplo, "Gramáticas Filosófico-Gerais Portuguesas e Espanholas: aspetos sintáticos", in *Aula Ibérica*, Salamanca, 2007; "Acordos Gerais entre Brasil e Espanha, Portugal e Brasil", in *Fórum da Língua Portuguesa no Contexto Ibérico*, "Asociación de Profesores de Lengua Portuguesa en España", Madrid, 2007; "Historiographie Linguistique Portugaise: le processus de grammatisation des langues extraeuropéennes", in *L'écriture et la construction des langues dans le sud-ouest de l'océan Indien*, Paris, 2007; "A Sintaxis copiosíssima na língoa bramana e pollida de Frei Gaspar de S. Miguel: algumas observações", in *Estudios Portugueses* 6, Salamanca, 2006). É diretora do Mestrado em Estudos Lusófonos da Universidade de Évora.

22. M^ª JOÃO MARÇALO

M^ª João Marçalo é doutorada em Linguística pela Universidade de Évora, onde leciona no Departamento de Linguística e Literaturas. Licenciou-se em Línguas e Literaturas Modernas – Português e Inglês, na Faculdade de Letras de Lisboa, tendo apresentado Provas de Aptidão Científica e Capacidade Pedagógica na Universidade de Évora nos anos 90. Tem vários artigos publicados em revistas nacionais e internacionais, bem como em atas de Congressos. É autora do livro *Introdução à Linguística Funcional*. Desde 2005 é investigadora do Centro de Linguística da Universidade Nova de Lisboa, no qual continua como colaboradora, sendo atualmente membro integrado do Centro de Estudos em Letras (CEL- UTAD/U. Évora). A sua área de trabalho é a Língua Portuguesa, interessando-se por teorias da linguagem, políticas linguísticas, ciências do léxico, e, no domínio da Linguística Aplicada, sobretudo por questões relacionadas com tradução. É diretora da Comissão de Curso do Mestrado em Línguas Aplicadas e Tradução na Universidade de Évora.

A TRADIÇÃO DA UNIVERSIDADE DE ÉVORA NA EXPANSÃO DA LÍNGUA PORTUGUESA

A Universidade de Évora comemora, em 2009, os 450 da sua fundação (1559-2009). Atendendo ao papel de relevo que lhe coube no campo da linguística missionária, pretende-se, neste trabalho, percorrer alguns momentos desta diacronia, relativos à atividade da Instituição na expansão da língua portuguesa por países lusófonos. Será contemplada a atividade gramatical que mestres e discípulos da Universidade de Évora (alguns mesmo alentejanos) desenvolveram no Oriente e no Ocidente, desde meados do século XVI, assim como a atividade do seu passado mais recente, empreendida em Angola, Brasil, Timor, e outros países onde o português é estudado e ainda em regiões lusófonas como Goa e Malaca, onde atuais docentes do Departamento de Linguística e Literatura têm desenvolvido atividades de investigação e de docência.

23. M^a D'AJUDA ALOMBA RIBEIRO E

Doutora em Linguística Aplicada pela Universidade de Alcalá (2005). Atualmente é professora adjunta da Universidade Estadual de Santa Cruz - coordenadora do Projeto de ensino de Português como Língua estrangeira e linguagem e perspectiva multicultural no ensino dos conetores e marcadores no discurso escrito de hispanofalantes aprendizes de português língua estrangeira (PLE), membro do comitê científico da UESC. Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Língua Portuguesa para Estrangeiros, atuando principalmente nos seguintes temas: Português LM, Português forense, como segunda língua e formação de Professor. Além disso, faz parte do corpo docente do Mestrado em Letras Representações e Linguagens da UESC.

24. GISANE SOUZA SANTANA

Pós-graduada em Literatura Comparada pela Universidade Estadual de Santa Cruz – UESC. Integrante dos Grupos de Pesquisa: Identidade Cultural e Expressões Regionais – ICER e Projeto de ensino de Português como Língua estrangeira e linguagem e perspectiva multicultural no ensino dos conetores e marcadores no discurso escrito de hispanofalantes aprendizes de português língua estrangeira (PLE). Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Literatura, atuando principalmente nos seguintes temas: Literatura Brasileira, Língua Portuguesa, Cultura Brasileira e Cultura Popular.

UMA LÍNGUA, VÁRIAS CULTURAS: O ENSINO DA LITERATURA DA REGIÃO SUL-BAIANA COMO FORMA DE PRESERVAÇÃO CULTURAL

Nos tempos áureos da lavoura cacauzeira do Sul da Bahia construiu-se um imaginário que fomenta um discurso e um processo de identificação cultural de um povo, a *nação grapiúna*. Contribuí para a efetivação deste projeto identitário a literatura do Sul da Bahia, a Literatura do Cacau, que estabelecendo por temáticas as terras, o jagunço, o coronel e a *civilização* do cacau, figura um conjunto de obras e escritores como representantes do espírito do povo grapiúna dos tempos do cacau. Situa-se nesses contextos a prosa de Jorge Amado, tornando as histórias sobre a nação grapiúna conhecidas através de várias obras: *Cacau, Terras dos sem fim, São Jorge dos Ilhéus, Gabriela, Cravo e canela e Tocaia Grande. Menino grapiúna*, Jorge Amado tem seu discurso autorizado, em que parte da história cultural dessas terras é representada pelo discurso da prosa ficcional amadiana. A partir dessa abordagem pode-se inferir que a construção de traços característicos que compõem as identidades são provenientes das representações que abarcam e sintetizam os elementos da cultura. Isso reforça também a ideia de que a nação é uma comunidade simbólica. Este trabalho se volta para a questão da *identidade cultural*. Busca-se mostrar a construção ficcional da Nação grapiúna no romance *Terras do Sem fim*, do ciclo do Cacau de Jorge Amado. Para isso, procede-se como recorte de leitura: a interação entre as múltiplas vozes sociais, a polifonia, vislumbrada na voz dos personagens e do narrador, na ideia dos espaços mítico e histórico das *Terras do sem fim*. O fulcro teórico deste artigo serão os estudos teóricos de Bakhtin, 1988; Benveniste, 1988; Bhabha, 2003; Hall, 1999; Canclini, 2000, para serem trabalhados os conceitos de *polifonia, discurso, identidade e hibridismo cultural* no intuito de estabelecer uma relação entre língua e cultura.

25. HELENA ANACLETO-MATIAS

Licenciada (1988) e Mestre (1997) pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Helena Anacleto-Matias completou duas pós-graduações: uma como intérprete

de conferências (Universidade de Genebra, 1989), como bolsista do Parlamento Europeu, e outra em Estudos Norte-Americanos (Smith College, EUA, 1990), como bolsista Fulbright. Publicou artigos em Portugal nas áreas da Linguística, Estudos Culturais, Literatura e Tradução e, como pontos altos de comunicações apresentadas em congressos internacionais destacam-se Singapura (2002), Santiago de Compostela (2003), Bruxelas (2006), Chipre (2007) e Valência (2008). O seu interesse pelos Estudos Lusófonos tem vindo a crescer, desde que participou no IX Congresso da Associação das Universidades de Língua Portuguesa (AULP, Viseu, 2001). Ensinou Língua Portuguesa como Língua Estrangeira no Porto e Matosinhos (1992/93) e na Bélgica (2006/2007). É a sexta vez que participa com comunicações nos Congressos ligados à Lusofonia (desde novembro/2003 em Bragança, até maio/2008 em Lagoa – Açores) e atualmente (desde 1993) é docente do Instituto Politécnico do Porto na área de Línguas e Culturas do Instituto Superior de Contabilidade e Administração.

O PAPEL DO ENSINO DO PORTUGUÊS COMO LÍNGUA ESTRANGEIRA NA DEFESA DO MULTICULTURALISMO

As política atuais (in)existentes a nível oficial para a implementação e defesa do ensino da Língua Portuguesa como língua estrangeira na Europa e no Resto do Mundo, leva-nos a pensar que são, sobretudo, os casos isolados de leitores portugueses pioneiros, inspirados e marginais que na sua missão individual e afastada lutam pela implementação e defesa dessa língua nos seus países de acolhimento. Segundo Volfgram, “cabe ensinar a alguns que o multiculturalismo não está apenas na teoria e sim ao nosso redor, nos elevando realmente à condição de seres humanos” (2005), e o mesmo é dizer que o multiculturalismo começa nas suas bases pela aprendizagem desinteressada e não interessada das crianças na sua mais tenra idade. Não é impunemente que em países multiculturais como a Bélgica, a Língua Portuguesa ensinada como segunda língua ou como língua estrangeira desempenha um papel preponderante na defesa e preservação do Português e, em simultâneo, pugna pela defesa incontestável da necessidade incontornável que o multiculturalismo é hoje. É indubitável que a luta contra a xenofobia, a luta pela tolerância e o respeito mútuo, bem como o diálogo profícuo biunívoco não podem sobreviver atualmente sem uma consciencialização da importância das línguas minoritárias, da crioulização, da relação com as línguas maioritárias e da conquista da defesa do multiculturalismo *hic et nunc*. Abordando casos concretos assentes na experiência enquanto leitora de língua portuguesa no estrangeiro, esperamos trazer à discussão temas importantes, tais como, a necessidade de articulação de políticas de difusão da língua portuguesa na Europa e no Mundo concertadamente com o Brasil e outros Países Lusófonos, a necessidade de implementação de medidas concretas no terreno para defesa da Língua de Camões fora de Portugal, a sobrevivência do Português que embora minoritária na Europa é uma das línguas mais faladas no mundo e o recrudescimento do multiculturalismo à escala global.

26. M^a JOSÉ DOS REIS GROSSO

M^a José dos Reis Grosso é professora auxiliar da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, doutorada em Linguística Aplicada (2000) com a dissertação “O discurso metodológico do ensino do português em Macau a falantes de língua materna chinesa”, trabalho resultante da sua permanência em Macau (1989-1999)

como docente na Universidade de Macau e como diretora do Centro de Língua Portuguesa no Instituto Português do Oriente. Mestre em Linguística Portuguesa Descritiva (1987) com a dissertação: *A construção No V Que F – ind* e Licenciada em Filologia Clássica. Tem lecionado na Universidade de Lisboa e na Universidade de Macau seminários no âmbito do Mestrado ligados ao Ensino-Aprendizagem do Português (LE/L2), designadamente *Didática de PLE/PL2, Ensino, Aprendizagem, Avaliação (PLE/PL2)* e ainda as disciplinas de *Linguística Aplicada ao Ensino de Português (PLE/PL2), Gramática e Comunicação e Sintaxe na Licenciatura em Língua e Cultura Portuguesa (PLE/PL2)* dos Estudos Portugueses e Lusófonos. As suas áreas de estudo e de leção centram-se na Linguística Aplicada ao Ensino de Português (PLE/PL2) e nas áreas referenciais a ela ligadas, nomeadamente Português para fins específicos, Português em contextos de acolhimento, Metodologias de Ensino de Línguas; Ensino, Aprendizagem, Avaliação (PLE/PL2), Didática das Línguas e Estudos Interculturais; nas áreas referidas, tem orientado teses de mestrado e de doutoramento, desenvolvido projetos, escrito artigos vários, elaborados manuais,

A LÍNGUA PORTUGUESA: ESPAÇO DE REFLEXÃO SOBRE OUTROS MODOS DE ESTAR E DE SER

A aprendizagem das línguas faz parte de uma educação intercultural que procura promover a interação e o diálogo entre falantes de línguas diferentes. É neste contexto e seguindo as orientações da UNESCO (2003) que a aprendizagem de línguas não se deverá *limitar a simples exercícios linguísticos*, mas constituir-se como espaço de reflexão sobre outros modos de estar e de ser, outras mentalidades, outros valores, outras vivências. A promoção do ensino e aprendizagem da língua portuguesa faz emergir o pluriculturalismo não só como um meio de acesso, mas também como um dos meios de aceitação das diferentes manifestações culturais, facto que não se limita à comunicação entre europeus e ultrapassa as fronteiras linguísticas e culturais. O ensino da língua portuguesa a falantes de outras línguas passa por estádios de proficiência muitas vezes considerados *neutros que traduzem* fases de necessidades que geralmente são transversais em todas as línguas, até passar a ser entendida como memória cultural coletiva na transmissão de pensamentos e de sentimentos aos outros e como expressão simbólica de produção e de interpretação. Neste âmbito, este texto apresenta um estudo exploratório do modo como a língua portuguesa através das manifestações culturais é vista, sentida e vivenciada na Região Administrativa de Macau (RAEM) no pós -1999.

27. M^a ZÉLIA BORGES E

Mestre e Doutora em Letras/Linguística pela Universidade de São Paulo. Professora titular de Linguística no Programa de Pós-Graduação e na Faculdade de Letras da Universidade Presbiteriana Mackenzie. Destaca-se em sua produção: participação em congressos nacionais e internacionais; pesquisa e publicação de artigos, capítulos de livros, bem como livro completo com estudos em Lexicologia e sobre peculiaridades do português do Brasil.

28. REGINA HELENA PIRES DE BRITO

Pós-Doutora pela Universidade do Minho (Portugal), Mestre e Doutora em Letras/Linguística pela Universidade de São Paulo (Brasil). Docente do Programa de Pós-Graduação em Letras e do Núcleo de Estudos Lusófonos e Coordenadora de

Cursos do Decanato de Extensão da Universidade Presbiteriana Mackenzie. Pesquisadora Associada do CELP da Universidade de São Paulo e pertence ao Grupo de Pesquisas do IP-PUC-SP. Investigadora do *Projeto Lusocom*, do ICS da Universidade do Minho, coordenado por Moisés Martins e Helena Sousa. É, também, docente investigadora e membro representante do Brasil na Comissão Diretiva do *Instituto Nacional de Linguística de Timor-Leste*. Autora e Coordenadora do Projeto “Universidades em Timor-Leste” - *Canção popular e música brasileira em Timor-Leste* (coautoria de Benjamin Abdala Júnior – USP/SP) para a difusão da língua portuguesa em território timorense por meio da música brasileira, em fase de adaptação para o contexto moçambicano. Sua produção recente destaca a publicação de artigos, capítulos e livros focalizando a relação entre língua, realidade cultural e identidade em países de expressão lusófona.

O PORTUGUÊS DO BRASIL: UMA VARIANTE DO PORTUGUÊS LUSITANO

Dentro do tema “O estado das variantes do Português” destacamos o falar de nossa terra que, malgrado o ufanismo daqueles que acreditam em uma língua brasileira, não constitui uma língua diferente da de Portugal. Procuramos fazer uma síntese dos estudos que procuram distingui-la, caracterizando-a convenientemente, com foco em cinco centros de interesse: Norma da língua literária; Teoria gramatical; A pesquisa filológica; Estudos fonéticos; Estudos dialetológicos. Feita tal síntese, acabamos por concordar com Gladstone Chaves de Melo, defensor da tese de que, no português do Brasil, temos estilo diverso, mas não língua diversa. No estudo contrastivo que os Encontros de Lusofonia, em Portugal (Continental e Insular) nos têm possibilitado, só podemos nos ver como membros de uma mesma comunidade de língua, embora cientes de que cada terra tem seu uso.

29. MÁRCIA REGINA TEIXEIRA DA ENCARNAÇÃO

MÁRCIA REGINA TEIXEIRA DA ENCARNAÇÃO, da Universidade de São Paulo - Brasil é Professora universitária, bacharel em Letras, com mestrado em Linguística e doutoranda em Semiótica e Linguística Geral na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, Brasil. Membro da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), Membro do Grupo de Estudos Linguísticos do Estado de São Paulo (GEL) e Pesquisadora do Grupo de Pesquisas em Dialetologia e Geolinguística (GPDG-USP), que tem como objetivo, desenvolver atividades que possibilitem a reflexão e a discussão sobre tópicos de Dialetologia e Geolinguística. O GPDG é cadastrado no Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), agência do Ministério da Ciência e Tecnologia, destinada ao fomento da pesquisa científica e tecnológica e à formação de recursos humanos para a pesquisa no país. Autora de diversos artigos completos publicados em periódicos científicos, em anais de congressos nacionais e internacionais e em revista eletrônica de divulgação científica em língua portuguesa, linguística e literatura.

ESTUDOS DE FATOS LINGUÍSTICOS EM REGIÕES LITORÂNEAS BRASILEIRAS

*Les langues sont comme la mer,
elles oscillent sans cesse”.*
Victor Hugo

Esse trabalho traz como principal objetivo mostrar que a língua é uma manifestação social por excelência e que nela vamos encontrar os veios de seu caminho percorrido, traduzidos na relação língua-espacos físicos, língua-espacos sociais e língua-traços histórico-culturais da sociedade. Não se fala uma mesma língua do mesmo modo em todos os lugares e, essa é uma realidade que perpassa a história dos povos. Essa pesquisa baseia-se em estudos dialetais feitos em quatro regiões litorâneas brasileiras, onde a linguagem possui um léxico comum, herdado das línguas indígenas, principalmente do tupi, e do português arcaico trazido pelos colonizadores no século XVI. As variantes linguísticas foram recolhidas pelo método da Geolinguística e formam um verdadeiro mosaico linguístico. A começar pelo registro toponímico, vimos que é no léxico das comunidades linguísticas que ficam documentados os múltiplos encontros entre povos e culturas. São Sebastião, uma das cidades estudadas, chamava-se Boiçucanga. O topônimo é de origem indígena e, segundo Nascentes (1952, p.47) mboi, significa cobra + w'asu, grande + a'kang, cabeça. O nome São Sebastião foi dado posteriormente pelos portugueses, coerentes com o ideal de colonizar e ao mesmo tempo difundir a fé católica. As localidades revelam comportamentos linguísticos conservadores, o que nos ajuda a encontrar caminhos para o estudo do português do Brasil, tanto na sua dimensão histórica, quanto no seu momento atual. Na ótica dos estudos dialetais, a maneira de se reconhecer os fatos linguísticos tem sido a de reconhecimento das individualidades e de respeito por elas. Pop (1950), reflete o pensamento de Grimm que, em 1812, já enfatizava a importância dos diferentes usos e a necessidade de reconhecer-se o que de particular, específico e único existe em cada dialeto, e, por essa razão, o dever de proteger cada um deles de qualquer tipo de violência, "pois, certamente, cada dialeto tem suas superioridades escondidas que se sobrepõem aos dialetos de maior expressão e socialmente mais reconhecidos".

30. MARY ELIZABETH CERUTTI-RIZZATTI

Possui graduação em Letras - Habilitação Português e Inglês pela Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões (1986), mestrado em Linguística e Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (2001) e doutorado em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2004). Atualmente é professora adjunta da Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC - Departamento de Língua e Literatura Vernácula - DLLV, em regime de dedicação exclusiva. Tem experiência na área de Linguística e Letras, com ênfase em Psicolinguística Aplicada, atuando principalmente com os seguintes temas: apropriação de linguagem escrita, proficiência em leitura e produção textual, alfabetização e letramento, metodologia de ensino da Língua Portuguesa. Tem interesse em pesquisas com aporte na sociocognição e interfaces com conexismo e enação.

APROPRIAÇÃO DA ESCRITA E CULTURA: UMA DISCUSSÃO SOBRE O LETRAMENTO ESCOLAR.

Esta comunicação tematiza *ensino de língua portuguesa e preservação cultural*, focalizando o modo como práticas de letramento escolar contribuem para a legitimação ou para a segregação cultural de usuários do português do Brasil pertencentes a grupos sociais minoritários. A pesquisa buscou responder ao seguinte problema: O ensino de língua portuguesa, no modelo de letramento escolar, é sensível a valores e características do grupo sociocultural em que se insere a escola e contribui para a

preservação e/ou enriquecimento desses mesmos valores e características? O estudo foi desenvolvido em uma comunidade de desprivilegiamento socioeconômico e estigmatização cultural, na periferia da cidade de Florianópolis / SC/BR, em 2008. Foram analisados currículos escolares, materiais e práticas pedagógicas do ensino da língua portuguesa na escola pública do bairro, instituição cujos professores foram entrevistados. Paralelamente, houve visitação recorrente à comunidade e entrevistas com moradores, objetivando analisar suas concepções acerca dos usos sociais da escrita e sua avaliação da forma como a escola prepara os alunos para tal uso social. As categorias de análise contemplaram *concepções sobre a língua escrita na escola e na comunidade, usos sociais da escrita prevalentes no ideário escolar e no dia a dia da comunidade e expectativas da comunidade escolar em relação a eventuais decorrências de um maior ou menor domínio da língua escrita tal qual é ensinada pela escola*. As bases teóricas do estudo foram Heath (1982), Street (1984) e Barton (1994). Conclusões sugerem incompatibilidade entre ideário escolar no que tange ao ensino de língua portuguesa e expectativas comunitárias acerca desse ensino, sinalizando para a incorporação de um discurso estereotípico, por parte da comunidade, que mascara suas reais concepções acerca do que efetivamente representa, para seu construto cultural, o ensino de língua portuguesa nos moldes do letramento escolar.

31. M.^a ROSÁRIO GIRÃO RIBEIRO DOS SANTOS E

M^a do Rosário Girão Ribeiro dos Santos doutorou-se na Universidade do Minho, com uma tese intitulada *À sombra de Baudelaire. Estudo da recepção de Baudelaire na Literatura Portuguesa. De finais do Romantismo ao Modernismo*. Desde então, tem vindo a lecionar disciplinas no âmbito da Literatura Comparada, Literatura Portuguesa/Literatura Francesa e Literatura e Mito, e a orientar teses de Mestrado e de Doutoramento. As suas últimas participações em Colóquios e publicações em Atas/Revistas vêm a seguir elencadas: "Natália Correia e Carlos Wallenstein: o tema da metamorfose" in *3º Encontro Açoriano da Lusofonia*, São Miguel Lagoa, 8-11 de maio de 2008, pp. 124-130. "Lucian Blaga, Teixeira de Pascoaes e Mircea Eliade" in *Colóquio Blaga 70*, que decorreu no Instituto Cultural Romeno e na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa em 5, 6 e 7 de maio de 2008 (a ser publicado na revista romena *Steaua*).

32. MANUEL JOSÉ SILVA

Manuel José Silva doutorou-se na Universidade de Caen, França, com um "Doctorat d'État" intitulado "*Quelques aspects de la complémentation verbale dans la phrase simple en français contemporain*". Publicou, em 2008, um ensaio intitulado *La langue française et l'Histoire*.

EVOCÇÃO PLURAL DE VITORINO NEMÉSIO: SE BEM ME LEMBRO...

Uma evocção plural de Vitorino Nemésio ou uma digressão pela sua obra multimoda implica visitar o criador do conceito de açorianidade, o pioneiro da literatura comparada em Portugal (ao quedar-se, como demonstrou Álvaro Manuel Machado, nas "fontes estrangeiras do romantismo português"), o exímio crítico de poesia (que tanto se deteve no Centenário das *Fleurs du Mal*, no "Pio Fauno" que foi Verlaine e nas *Poesias* do poeta romeno Mihail Eminescu, como no primado de Junqueiro, no relance de Gomes Leal e na homenagem a Teixeira de Pascoaes), o cronista "itinerante" de notas de viagem e de breves ensaios coligidos no *Jornal do Observador* e o professor

universitário (não pertencente à classe de “mochos”), biografado por José Martins Garcia. Do mesmo modo, revisitar esta inesquecível figura carrega a revocação de “La voyelle promise” (poemas escritos em francês), da ficção visceralmente insular que constitui *O Mistério do Paço do Milhafre* e dessa novela original que se intitula *A Casa Fechada*, cujo fechamento, estruturado sob o signo da morte, tentaremos cotejar, no âmbito da domoanálise e numa perspetiva intertextual, com *O pastor das casas mortas* de Daniel de Sá. E que dizer daquele programa gravado semanalmente nos Estúdios do Lumiar? *Se bem me lembro...*

33. REGINA HELENA PIRES DE BRITO E

Pós-Doutora pela Universidade do Minho (Portugal), Mestre e Doutora em Letras/Linguística pela Universidade de São Paulo (Brasil). Docente do Programa de Pós-Graduação em Letras e do Núcleo de Estudos Lusófonos e Coordenadora de Cursos do Decanato de Extensão da Universidade Presbiteriana Mackenzie. Pesquisadora Associada do CELP da Universidade de São Paulo e pertence ao Grupo de Pesquisas do IP-PUC-SP. Investigadora do *Projeto Lusocom*, do ICS da Universidade do Minho, coordenado por Moisés Martins e Helena Sousa. É, também, docente investigadora e membro representante do Brasil na Comissão Diretiva do *Instituto Nacional de Linguística de Timor-Leste*. Autora e Coordenadora do Projeto “Universidades em Timor-Leste” - *Canção popular e música brasileira em Timor-Leste* (coautoria de Benjamin Abdala Júnior – USP/SP) para a difusão da língua portuguesa em território timorense por meio da música brasileira, em fase de adaptação para o contexto moçambicano. Sua produção recente destaca a publicação de artigos, capítulos e livros focalizando a relação entre língua, realidade cultural e identidade em países de expressão lusófona.

34. M^a ZÉLIA BORGES

Mestre e Doutora em Letras/Linguística pela Universidade de São Paulo. Professora titular de Linguística no Programa de Pós-Graduação e na Faculdade de Letras da Universidade Presbiteriana Mackenzie. Destaca-se em sua produção: participação em congressos nacionais e internacionais; pesquisa e publicação de artigos, capítulos de livros, bem como livro completo com estudos em Lexicologia e sobre peculiaridades do português do Brasil

CONSIDERAÇÕES ACERCA DO CONCEITO DE LÍNGUA CRIOLA

Este estudo insere-se numa pesquisa maior que versa a respeito das relações entre língua e identidade no âmbito da lusofonia que, abordando o conceito de pertença identitária, apresenta o papel da língua portuguesa em realidades nacionais de diferentes regiões do globo e a sua relação com outras línguas locais. Nesta direção, no contexto dos “espaços em que também se fala o português” – como costumamos sintetizar nossa ideia de lusofonia – a questão das línguas crioulas vem ganhando força. No Brasil, podemos verificar, sobretudo nos últimos anos, um incremento dos “Estudos de Crioulística” com a elaboração de dissertações e teses sobre a temática e com a formação de grupos e centros dedicados à compreensão e ao (re)conhecimento das línguas crioulas. Parece-nos, por isso, relevante que se coloque em pauta a própria definição do “crioulo”, considerando a sua importância para a construção das identidades nacionais lusófonas. Deste modo, lembrando que a língua se constitui como uma das dimensões identitárias (dependente tanto do conhecimento que dela se

tem, quanto do reconhecimento que dela se faz) e que abordar a identidade nacional significa esbarrar em aspetos multiculturais de uma sociedade, é nosso objetivo, com esta comunicação, apresentar, de forma contrastiva, alguns dos conceitos aplicados ao chamado “crioulo” de base portuguesa.

35. RUI GUIMARÃES *suplente*

Rui Manuel Gomes Dias Guimarães doutorou-se em Filologia Portuguesa, na Universidade de Salamanca, 1998, mestrado em Estudos Europeus e Direitos Humanos, na Universidade Pontifícia de Salamanca, 1996 e licenciatura em Estudos Portugueses e Franceses na Faculdade de Letras da Universidade do Porto. É Professor Associado da Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro. Publicações relevantes: (2000): *Aspetos do galego-português e do português antigo nos sistemas fonológicos do falar barrosão*. *Encontro Internacional História da Língua História da Gramática*. Braga: Universidade do Minho.(2003): «Dialeto barrosão, aqui nasceu a língua portuguesa». *I Encontro de Estudos Dialectológicos Portugueses*. Universidade dos Açores. (2007): «O euroberismo de Fernando Pessoa». *Congresso Internacional Relaciones Lingüísticas y Literárias de Portugal com España – RELIPES*. Salamanca: Universidade de Salamanca. (2007): «Sementes de Torga». *Congresso Internacional Homenagem a Miguel Torga no Centenário do seu Nascimento*. Câmara Municipal Universidade de Coimbra Univ. Fernando Pessoa.

DIALETO BARROSÃO, VARIANTE DA ÁREA DOS DIALETOS TRANSMONTANOS E ALTO-MINHOTOS DO PORTUGUÊS EUROPEU, REFLEXO DA MATRIZ ORIGINÁRIA DO PORTUGUÊS

A presente comunicação consiste em problematizar e fornecer informação linguística sobre a dialética do saber linguístico global e do saber linguístico local da língua portuguesa, apresentando um dialeto do português europeu, o dialeto barrosão, da área dos dialetos transmontanos e alto-minhotos, com características galego-portuguesas e do português antigo do séc. XIV, ainda mantido vivo pelo conservantismo linguístico e como reflexo da matriz originária do português. Esta comunicação, resulta de trabalho de campo com recolha a nível fonético, fonológico e lexical, dentro de uma comunidade cultural e linguística transfronteiriça com a Galiza. A metodologia assenta na aplicação do método indutivo-dedutivo e problemático-hipotético, articulado com metodologias linguísticas específicas, enquadradas no paradigma linguístico do estruturalismo funcionalista, e do estudo lexicográfico. A base teórica assenta na variação linguística e no conservantismo linguístico, na relação da linguagem com a cultura, a comunidade linguística e cultural com personalidade própria, desde José Leite de Vasconcelos, Paiva Boléo, a Lindley Cintra (Portugal) e Fernández Rei (Galiza) e conceitos de A. Martinet, Morais Barbosa, E. Coseriu, D. Messner, Paul Teyssier, CH. Muller, J. Casares, M. Alvar, L. Cintra, Chambers e P. Trudgill, H. López Morales. Os resultados preliminares apontam para que o sistema fonológico apresenta características afins ao galego-português medieval mas sobretudo em relação ao português antigo do séc. XIV e que o léxico em uso seja proveniente de diversas datas históricas da língua portuguesa ainda com incidência significativa do português antigo do séc. XIV.

36. HENRIQUE SALLES DA FONSECA,

Henrique Salles da Fonseca, natural de Lisboa (1945) onde reside, casado, economista, cumpriu o Serviço Militar em Moçambique de 1971 a 1973. Dentre várias funções públicas, viu Portugal a partir do Terreiro do Paço onde chefiou o Gabinete do Ministro da Agricultura de 1981 a 1983. Ligado à indústria entre 1984 e 1990 como Administrador de empresas e na Associação dos Industriais de Vidro de Embalagem de 1991 a 1996, foi Diretor-geral do Fórum para a Competitividade entre 1997 e 2004, altura em que se aposentou. Dedicar-se atualmente ao estudo da Economia, nomeadamente na perspectiva do Desenvolvimento e à Lusofonia (sobretudo no Oriente). Participação regular em 2002-03 no Suplemento de Economia do semanário "O Independente", na revista "Economia Pura" até 2006 e na revista "Indústria", da CIP, a cujo Conselho Editorial pertence. Desde janeiro de 2004, dirige o blog "A Bem da Nação" onde escreve regularmente. Foi Presidente da Sociedade Hípica Portuguesa no mandato de 1991-92. Autor do livro comemorativo dos 95 anos da instituição, "Hipismo em Lisboa", publicado em 2005.

“ÉTICA LUSÓFONA E SENTIDO DE ESTADO”

- Onde está a Ética?
- O ponto da nossa partida
- Chegada à filosofia do poder,
- Rumo ao futuro
- Exigências comuns de uma educação ética,
- Desvios do comportamento
- O sentido e o controlo da responsabilidade

37. ZAIDA PEREIRA

Zaida Pereira, docente da Universidade do Algarve desde 1993. Doutorada em Linguística na área de Lexicologia e Terminologia pela Universidade do Algarve. Membro do Centro de Linguística da Universidade Nova de Lisboa, investigador responsável pelo projeto de construção de uma Base de Dados Lexicográfica Bilingue Crioulo-Português. Desde 2004 que tem lecionado, no âmbito dos cursos de Licenciatura do Departamento de Línguas Comunicação e Artes, a disciplina de Crioulos de Base Lexical Portuguesa.

O PORTUGUÊS NA GUINÉ-BISSAU: TENDÊNCIAS NA VARIAÇÃO

A repartição clara do espaço ocupado pelo Crioulo e pelo Português constitui um dos aspetos mais conhecidos da realidade sociolinguística guineense. Contudo, as características, a especificidade e a dimensão dos fenómenos linguísticos resultantes desta situação não têm sido objeto de estudos sistemáticos. Isto explica-se, em parte, pelo facto de serem recentes as investigações centradas nos fenómenos de variação e mais precisamente na emergência de variedades do Português faladas nos países africanos lusófonos. Por outro lado, os estudos sobre os crioulos têm sido marcados por questões associadas à sua génese e formação, e mais recentemente também orientados para a descrição das gramáticas, no caso dos crioulos de base lexical portuguesa. Neste sentido, a variação resultante do contacto linguístico não tem sido privilegiada. É pois objeto desta comunicação apresentar alguns fenómenos que parecem traçar as tendências na variação do Português, justificada pelo contacto com o Crioulo guineense. As dificuldades metodológicas de uma investigação desta natureza

são diversas, em especial na elaboração de um corpus de análise constituído por produções espontâneas de locutores de Português falantes de língua materna crioula. Existem igualmente as dificuldades teóricas. As fronteiras pouco claras entre variação e interferências, aspetos resultantes de situações de contacto linguístico, é uma delas. No entanto, a frequência dos fenómenos observados e também o facto de eles estarem presentes no discurso dos locutores de todos os graus de competência fazem-nos pensar que estamos perante uma regularidade. O léxico constitui entretanto a componente mais visível e aparentemente menos problemática do fenómeno da variação, por contraste com a morfossintaxe e a fonética.

38. RENATO EPIFÂNIO MOVIMENTO INTERNACIONAL LUSÓFONO -MIL

Como é sabido, a Revista *A Águia* foi uma das mais importantes revistas do início do século XX em Portugal, em que colaboraram algumas das mais relevantes figuras da nossa Cultura, como Teixeira de Pascoaes, Jaime Cortesão, Raul Proença, Leonardo Coimbra, António Sérgio, Fernando Pessoa e Agostinho da Silva. A *NOVA ÁGUIA*, pretende ser uma homenagem a essa tão importante revista da nossa História, procurando recriar o seu "espírito", alargando-o a todo o espaço lusófono, conforme se pode ler no nosso Manifesto. Tal como n' *A Águia*, procuraremos o contributo das mais relevantes figuras da nossa Cultura, que serão chamadas a refletir sobre determinados temas. O tema do primeiro número é "a ideia de Pátria: sua atualidade". Orgulhamo-nos de ter conseguido o contributo de gente tão ilustre como Agustina Bessa Luís, António Cândido Franco, António Telmo, Ariano Suassuna, Fernando Echevarría, Joaquim Domingues, Manuel Ferreira Patrício, Mário Cláudio, Miguel Real e Pinharanda Gomes, a par de muitos outros. Para além disso, neste primeiro número poderá ainda encontrar uma série de outros textos, sobre outras temáticas.